

EDIÇÃO ESPECIAL



PLACAR

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL



SPFC

- A HISTÓRIA
- AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS
- A ÚLTIMA CONQUISTA
- OS ÍDOLOS

SÃO PAULO



ÍNDICE

SÃO PAULO



Silvio Porto

4 A torcida mais feliz da década

18 O último título do tricolor

46 A seleção de todos os tempos

10 Os jogos que ninguém esquece

24 O bela história do clube da fé

48 O hino, o escudo e os uniformes

34 O maiores ídolos dos são-paulinos



T O R C I D A



Na entrada em campo, a recepção ao time: essa é a torcida que não vibra?

PAZ E FESTA É COM ELES

Dizem que os são-paulinos vibram pouco. Pouco? Nos anos 80 ninguém comemorou mais títulos nos estádios do que eles. A galera tricolor não é de briga, mas tem muita alma

Em 1940, o estudante de Direito Manuel Raymundo Paes de Almeida organizou a primeira torcida do Estado, que volta e meia lançava seu grito de guerra:

Arakan-baran-bakan

Tumberê-tumberá

Rico-rico-rico-rá

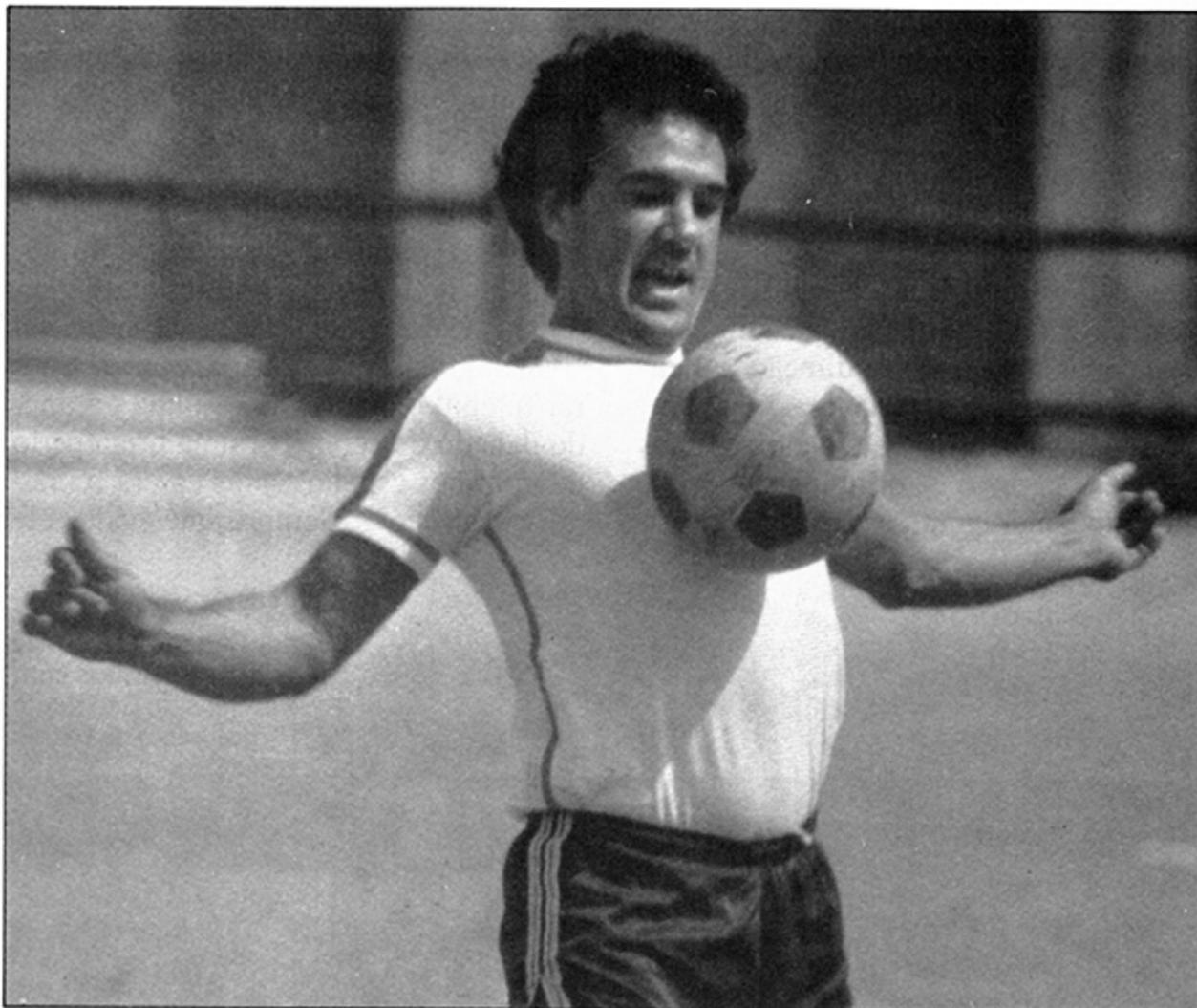
Rá-rá-ram

São Paulo! São Paulo! São Paulo!

Guerra? Quase todos eram jovens universitários são-paulinos, imaculadamente vestidos de branco, que se comportavam com o maior nível na arquibancada. Para muita gente, esse já folclórico bom comportamento são-paulino explica por que a torcida prefere ficar longe do tumulto cada vez maior dos grandes estádios, mesmo o Morumbi, e até nos grandes jogos do clube — embora as pesquisas mostrem que o São Paulo tem o terceiro maior número de torcedores do Estado e o sétimo do Brasil.

Por essas e outras, fica a imagem de que o São Paulo é um clube aristocrático. Mas os torcedores como o psiquiatra Roberto Freire se rebelam contra ela. “Eu, por exemplo, venho de uma família pobre, como muitos outros, e, quando estou nas arquibancadas, não quero saber dessa história de pó-de-arroz. O preconceito é dos outros, de quem fica analisando”, indigna-se o psiquiatra.

Roberto Freire, que diz ser são-paulino desde o útero da mãe, tem três filhos — Pedro, Paulo e Beto, todos tricolores. “Senão, preferiria que eles fossem bichas”, brinca. Outro fanático torcedor é o ator Lima Duarte. “Só não rôo as unhas. Nem arranco os cabelos porque não tenho condições técnicas”, ri o Sassá Mutema da novela *O Salvador da Pátria*. Outro, ainda, é o publicitário Neil Ferreira, que chegou a se preocupar quando seu filho deu uma balançada, após a venda de Serginho para o Santos. Neil tratou de levá-lo ao estádio num jogo contra a Portuguesa. Era a estreia de Careca, substituto de Serginho. “Ele perguntou quem era Careca. Mostrei, ele não acreditou, teimou que Careca era Waldir Peres. Estava certo. Pelo menos continuou tricolor.” ▶



Manoel Motta

Eder Jofre: sempre foi bom de briga, mas, nos estádios, prefere torcer no seu canto.



Abri



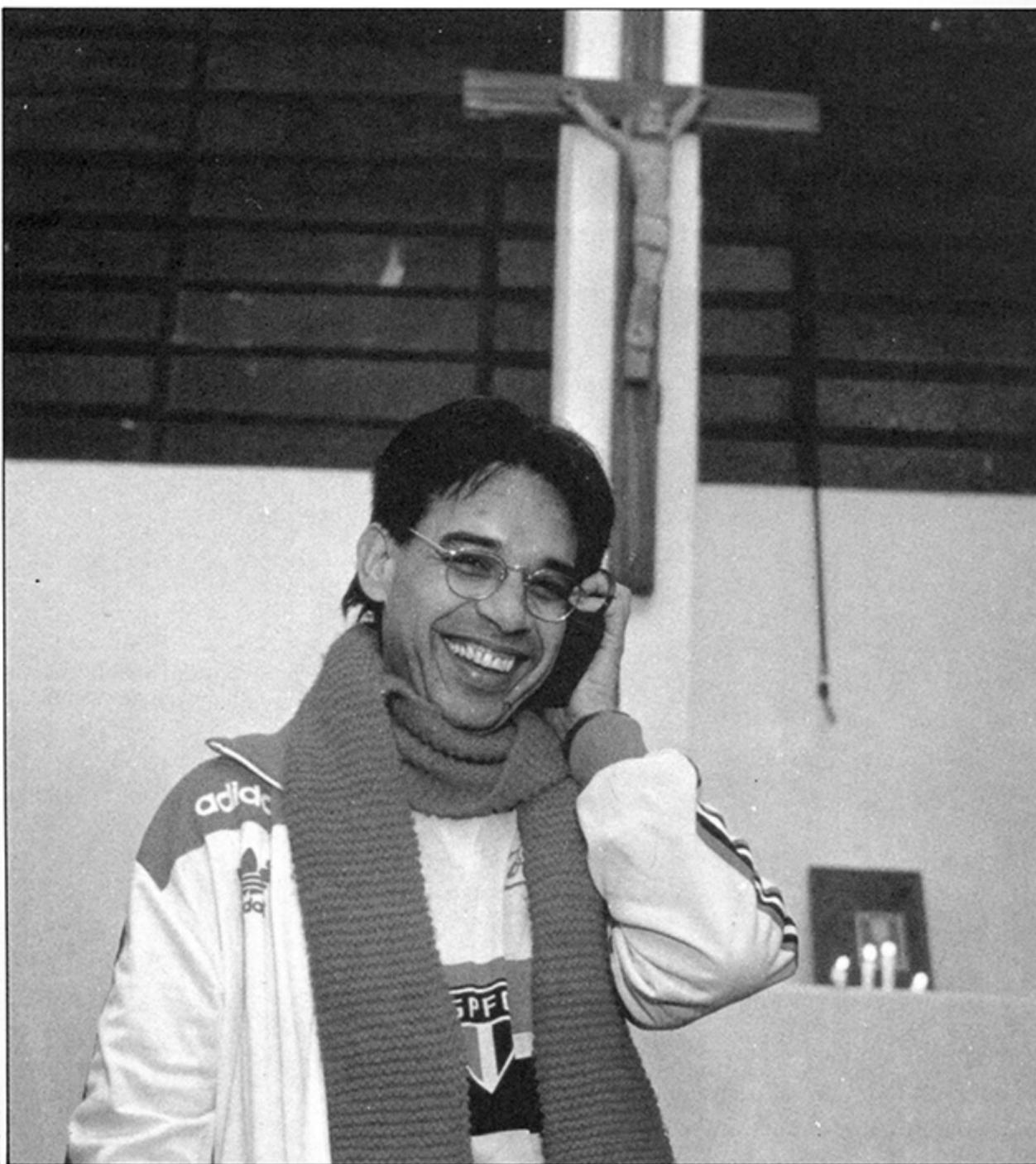
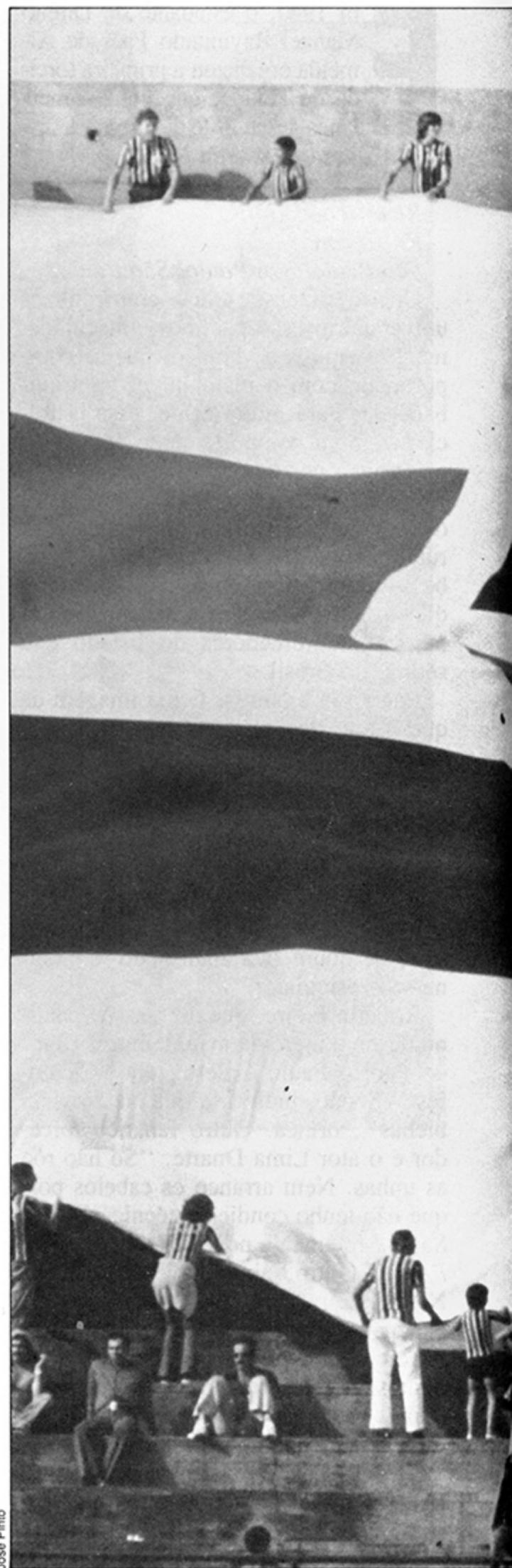
T O R C I D A

O publicitário não vê mal algum em que a torcida do São Paulo seja, como ele diz, civilizada. Ele próprio se classifica assim: "Sou fanático mas não vou brigar porque fulano é corinthiano e essas coisas babacas que a gente conhece. A gente vai ao estádio para ver o espetáculo e se divertir". Mas não deixa de achar que um pouco de malandragem na direção e dentro do campo não faria mal nenhum. "Não consigo esquecer que perdemos Sócrates para o Corinthians porque faltou malandragem. E um jogo do ti-

me mostrou isso. Foi a final de 1982 contra o Corinthians. Tinha de ter um bandido ali, um cara que fizesse a maior confusão, que perturbasse. Não tinha, perdemos."

Éder Jofre, um são-paulino que não deveria ter o menor temor de confusão, também prefere uma torcida mais tranqüila. Coisa que vem da infância: "Quando eu era garoto, apesar de adorar futebol e o São Paulo, tinha um medo danado de acontecer uma briga perto de mim nos estádios, pois eu era franzino e pacífico". Sempre que pode, ele ▶

Padre Adalton torce até na igreja: reza missa com a camisa do São Paulo por baixo da batina



Silvio Porto

José Pinto





T O R C I D A



Paulo Machado de Carvalho, o Marechal da Vitória. Torcedor tão ilustre como dirigente que ajudou a fazer do São Paulo o gigante que dá inveja aos outros clubes



Juca Chaves: torcedor do tricolor desde uma goleada sobre um clube inglês, ele faz gozações em cima de corintianos e santistas, e propõe um novo hino

manda uns golpes contra os adversários, de preferência corintianos, mas só de boca, para descontar tudo o que penou na infância. “Toda a meninada do Peruche ia assistir aos jogos na televisão de casa. A maioria de corintianos, que tiravam sarro de mim quando ganhavam do São Paulo. Onde já se viu gozar o dono da TV? Mas, em 1957, depois do terceiro gol, devolvi tudo e eles foram saindo de fininho”, lembra o ex-campeão mundial dos penas.

Agora, decididamente, não é com torcedores discretos que se faz uma festa. Mas, sim, com gente como Paulo Machado de Carvalho — o *Marechal da Vitória* da Copa do Mundo de 1958. Ou como o padre Adalton Castro, 40 anos, da paróquia de Nossa Senhora da Lapa. Ele costuma rezar missa com uma camisa do São Paulo por baixo da batina. E, quando faz a “chamada dos vivos”, na missa, cita todo o time. “Um dia desses, fui flagrado por um fiel corintiano, mas ele me perdoou”, brinca Adalton. César Filho, ator e apresentador de TV, não é religioso, mas fanatismo também é com ele. “Na decisão contra o São José, chorei quando a torcida cantou o hino”, conta César, assíduo freqüentador do Morumbi. O cantor Juca Chaves se tornou são-paulino no 1 x 0 que o tricolor aplicou no Arsenal, da Inglaterra, quando ele era garoto: “Os jogadores usavam gorriño e o maior palavrão da época era ‘fresco’. Imagine ser chamado de fresco. Mas a verdade é que nós somos civilizados. Falar nisso, sabem qual a diferença entre a torcida do Santos e a do Corinthians? Ambas brigam igual, só que a do Corinthians tem menos dentes”. O cantor e compositor só fica bronqueado mesmo é com o hino do clube. Por isso resolveu compor esta marchinha:

*São Paulo, São Paulo, São Paulo,
meu amor, meu amigo,
não abro mão, estou contigo,
sou torcedor tri-co-lor.
A massa são-paulina
é gente muito fina
que torce, que torce
no futebol do Patropi.
Sou mais é o tricolor do Morumbi.* ●



Fotos: Sérgio Beresovsky

O ator Lima Duarte não esconde sua paixão pelo São Paulo. Ele já foi até ao Uruguai para ver o jogo do time pela Taça Libertadores da América. Quando o tricolor joga no Rio de Janeiro e vence, duro é aturar o Lima no dia seguinte, nos corredores da TV Globo. “Pelo São Paulo, só não arranco os cabelos por falta de condições técnicas”, diz.



Waldir Peres comemora o título brasileiro de 1977: o goleirão garantiu o título nos pênaltis com sua catimba



A S P A R T I D A S I N E S Q U E C Í V E I S

BATALHAS DE ARREPIAR

Aquela vitória que parecia impossível, aquele gol no último minuto, brigas, lágrimas, sorrisos: prepare-se para reviver as emoções de seis jogos em que valeu a garra tricolor

Para a torcida do Atlético Mineiro, a noite de 5 de março de 1978 teve um amargo sabor de derrota. O dia, no entanto, começara bem diferente em Belo Horizonte. Bandeiras do clube mineiro enfeitavam janelas e terraços de milhares de casas e apartamentos. E os gritos de "Ga-lô", "Ga-lô" iam tomando conta da cidade. Uma multidão seguia para o Mineirão para assistir à final do Campeonato Brasileiro de 1977. São Paulo e Atlético iriam disputar no campo o título de campeão do Brasil.

Com João Leite, Toninho Cerezo, Ângelo, Marcelo, Paulo Isidoro e Ziza no time, o Atlético era o grande favorito. Nem a ausência de Reinaldo, o artilheiro, suspenso pelo Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), esfriava o entusiasmo dos mineiros. Afinal, a decisão ia ser dentro do Mineirão, onde o Galo era praticamente imbatível. Parecia que o São Paulo nem existia. Principalmente porque sua maior estrela, Serginho, também estava fora da partida, suspenso pelo TJD.

Quando Waldir Peres, Getúlio, Teção, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Darío Pereyra; Viana, Mirandinha e Zé Sérgio entraram em campo, sobraram vaias. Poucos acreditavam no time escalado pelo técnico Rubens Minelli.

Ao começar o jogo, a história foi bem diferente. Minelli tinha preparado seu time para não deixar o Galo jogar. Darío Pereyra grudou em Toninho Cerezo. Teodoro não largou Ângelo. Chicão fez o mesmo em Marcelo e Viana ▶



Chicão, amparado por Neca, sai chorando do Mineirão após matar o Galo

Fotos José Pinto



AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

em Paulo Isidoro. Getúlio anulou Ziza e Tecão não deu chance a Caio Cambalhota. Sem falar em Waldir Peres, em dia de santo.

Na frente, Mirandinha, mesmo isolado, não dava moleza aos zagueiros adversários. E Zé Sérgio era uma preocupação constante para a defesa do Atlético. A máquina atleticana parava na frente do humilde mas raçudo São Paulo.

Na prorrogação, quem chegou mais perto do gol foi o tricolor. Chicão — um verdadeiro leão em campo — chutou uma bola que venceu o goleiro João Leite e só não entrou porque o zagueiro Márcio tirou em cima da linha. Ângelo divide a bola com Neca — que havia entrado em lugar de Viana — e leva a pior. Depois, é atingido por Chicão. Os jogadores atleticanos partem para cima do volante tricolor, que não se intimida e estufa o peito enfrentando todos. O São Paulo não se acovarda nem perde a tranquilidade. Um ingrediente fundamental para a hora da decisão por pênaltis.

No momento decisivo, o tricolor é pura serenidade e sangüefrio. João Leite defende o primeiro pênalti, batido por Getúlio. Tensão. Waldir Peres pula para o lado errado e Ziza marca para o Atlético. Peres bate o segundo e faz São Paulo 1 x Atlético 1. Alves confere outro para o Galo. João Leite defende o chute de Chicão. A torcida atleticana faz a festa. Parece que tudo está decidido. A partir daí começa a valer a experiência dos jogadores são-paulinos e a catimba de Waldir Peres. Joãozinho Paulista chuta, o goleiro olha e a bola vai fora. Antenor faz o segundo do São Paulo: 2 x 2. Toninho Cerezo manda para fora o quarto pênalti cobrado pelo Atlético. Bezerra bate o último para o tricolor e acerta: São Paulo 3 x 2. Márcio ajeita a bola e olha para Waldir Peres, que sorri. É a última chance para o Galo empatar e forçar

nova série de pênaltis. Ele enche o pé e manda para fora. Belo Horizonte murcha, fica pequena. E São Paulo cai na festa.

Era dia de decisão. Nem a friagem de 29 de dezembro de 1957 iria atrapalhar a festa da torcida na final do Campeonato Paulista, entre São Paulo e Corinthians. À 1 da tarde, o Pacaembu já estava lotado.

Os corinthianos chegavam confiantes no esquadrão de Gilmar, Olavo, Cláudio, Luizinho e Rafael — um time maduro e acostumado a ganhar títulos. Comandado pelo técnico Osvaldo Brandão, o Corinthians liderava o campeonato e só tinha sido alcançado pelo São

zagueiro Alfredo, do Corinthians, que acabou quebrando a perna — Gino e Luizinho tinham-se engalfinhado. Dias depois, os jogadores do São Paulo foram visitar Alfredo no hospital e cruzaram com os do Corinthians. Deu a maior confusão. Gino caiu atingido por uma violenta tijolada na cabeça. Quem poderia ter sido senão Luizinho?

Tudo isso esquentava ainda mais o ânimo dos torcedores. E, às 3 e meia da tarde, quando os times entram em campo, o Pacaembu está prestes a explodir. O São Paulo vem com Poy, De Sordi e Mauro; Sarará, Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhotoiro. O Corinthians com Gilmar, Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Zague.

O juiz era o carioca Alberto da Gamma Malcher, auxiliado pelos bandeiras ingleses Lynch e Cross.

Aos 5 minutos, o primeiro encontro Gino-Luizinho. O povão pula, grita, quer ver o circo pegar fogo. A jogada é dura. O juiz pára o jogo e chama os dois. Eles se acalmam. Sarará faz uma bela partida e a torcida do São Paulo esquece Dino. Mesmo

assim, o jogo é equilibrado e o primeiro tempo termina em 0 x 0.

No segundo tempo o Corinthians vem com tudo para cima do São Paulo. Mas Mestre Zizinho está impossível. Aos 17 minutos ele cobra uma falta lançando Gino. Este dá um leve toque de cabeça e deixa Amauri livre para marcar, na saída de Gilmar. Começa a festa são-paulina. Logo em seguida Sarará interrompe um ataque do Corinthians e passa a Zizinho. Este lança para Amauri, que ameaça invadir a área e acaba passando a Canhotoiro, que fica livre e marca. Mas o Corinthians reage e desconta, levando sua torcida a acreditar numa virada. O autor foi Rafael, de meia bicicleta. Três gols em apenas 5 minutos. A torcida está toda de pé. ▶



Ronaldo Kotscho

Sangue quente: os jogadores botaram a alma em campo.

Paulo uma semana antes, depois de uma inesperada derrota para o Santos. Para os são-paulinos, a derrota corinthiana tinha sido um verdadeiro presente. Depois de dezesseis rodadas correndo atrás do inimigo, o tricolor o alcançava no último momento. Estavam iguais: 28 pontos ganhos, uma derrota, quatro empates e 41 gols para cada time.

Dino, peça fundamental para o São Paulo, estava contundido. Ademar era um bom substituto, mas momentos antes da partida uma notícia corre as arquibancadas: Ademar também não joga, pois está com uma violenta diarreia. Os corinthianos partem para as gozações. E ainda havia a briga entre Gino e Luizinho. No jogo do primeiro turno — num lance casual entre Maurinho e o



Lemmyr Martins

Este time liquidou o Corinthians na final de 1957 usando só os contra-ataques e sob o comando do mestre Zizinho



J.B. Scalco

Serginho marca, de pênalti, e inicia a reação: depois de estar perdendo por 2 x 0, o tricolor ganhou do Botafogo por 3 x 2.



A S P A R T I D A S I N E S Q U E C Í V E I S



Carlos Fenerich

Gilmar só assiste à partida, tal a pressão do Corinthians. Mas, quando já se temia o empate, veio o terceiro gol do São Paulo. Zizinho, como um beque de fazenda, dá um chutão para a frente. A bola cai com Gino, que também a manda para a frente. Ela cai com Maurinho, que está no meio do campo. Até parecia jogada ensaiada. Maurinho ganha de Olavo no pique, passa por Gilmar e entra no gol com bola e tudo.

Gilmar, desolado, percebe que alguém passa as mãos em sua cabeça. É Maurinho, comemorando o gol e tirando um sarro. Gilmar sai correndo atrás do ponta do São Paulo. Este se esconde atrás de Gino. Os outros jogadores do Corinthians vão em cima do bandeirinha. A pancadaria corre solta no campo e nas arquibancadas. O jogo só recomeça 10 minutos depois, após a retirada das garrafas e dos torcedores corintianos

que invadiram o campo. Mas a partida já está decidida. Quando o juiz termina o jogo, o Pacaembu assiste à maior briga de sua história. Paus, pedras, garrafas, socos, pontapés são distribuídos com fartura. Sobra para todo mundo. A polícia não consegue conter os torcedores exaltados. O São Paulo nem pode fazer a tradicional volta olímpica, tal o estado de ânimo e a chuva de garrafas que cai no campo.



Com sua classe e sua frieza, Pita comandou o São Paulo nas finais do Campeonato Brasileiro de 1986. Um leve toque de cabeça e Careca estava na frente do gol do Guarani, no último minuto da prorrogação

Tarde de 26 de abril de 1981. O Morumbi recebe um público de mais de 100 000 pessoas — um cala-boca para quem achava pequena a torcida tricolor. Semifinal do Campeonato Brasileiro. São Paulo e Botafogo vão decidir quem passa para as finais. No primeiro jogo, no Maracanã, a vitória tinha sido do Botafogo, 1 x 0. O São Paulo, com mais pontos, precisa da vitória por qualquer contagem.

O tricolor entra em campo com Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Aos 18 minutos do primeiro tempo, o Botafogo já vencia por 2 x 0, gols de Gérson e Mendonça. Atendendo aos apelos da torcida, já aos 36 minutos o técnico Carlos Alberto Silva coloca em campo Éverton no lugar de Heriberto. E é com Éverton em campo que o time consegue uma das maiores e mais emocionantes viradas de sua história. Aos 44 minutos, Serginho faz o primeiro do São Paulo, cobrando pênalti sofrido por ele mesmo.

Começa o segundo tempo. O São Paulo leva sua torcida à loucura. Aos 21 minutos, Rocha estoura a bola da pequena área do Botafogo. Perto da meia-lua, Éverton pega o rebote e, num sem-pulo fantástico, manda na gaveta: 2 x 2. A pressão continua. Darío toca para Serginho, que deixa para a entrada e o chute de Éverton. Resultado: bola no fundo das redes do Botafogo. São Paulo 3 x 2. Um jogão.

Em 1946, o São Paulo comandou o Campeonato Paulista desde o início, derrotando duas vezes, até, o Corinthians e tirando dele a Taça dos Invictos (23 partidas sem derrota). Mas o jogo decisivo foi com o Palmeiras. Na preliminar, já começava a festa são-paulina, no Pacaembu, com o empate entre as equipes amadoras dos dois clubes. O resultado dava o título do Campeonato Amador ao São Paulo e era um bom presságio.

Às 3h30 da tarde, os dois times principais entram em campo. O São Paulo com Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. O Palmeiras com Oberdan, Caieira e Gengo; Og Moreira, Túlio e Waldeimar Fiume; Lula, Villadoniga, Canhotinho, Lima e Mantovani.

Quando o juiz Bruno Nina apita o início da partida, o que se vê em campo é um Palmeiras disposto a conquistar a vitória a qualquer preço. Joga sua melhor partida do campeonato. O São Paulo, acuado em seu campo, se salva graças às atuações impecáveis de Piolim e Renganeschi. O meio-campo, ponto alto da equipe, não consegue se soltar. Na frente, Leônidas não está em seus melhores dias, ainda se ressentindo de uma contusão na coxa.

Tudo apontava para uma vitória do Palmeiras, principalmente porque o goleiro Gijo estava intranquilo. Em três oportunidades soltou a bola nos pés dos atacantes palmeirenses, e por sorte não tomou gol.

No segundo tempo, o São Paulo acordou. Leônidas acerta um chute forte e colocado. Oberdan defende espetacularmente. Aos 12 minutos, a bola é levantada sobre a pequena área palmeirense. Oberdan salta para fazer a defesa. Luisinho salta junto e o machuca. Og Moreira toma as dores do companheiro e o conflito envolve todos os jogadores. Na arquibancada, o pau também come solto. Uma autêntica batalha de socos e pontapés.

No final da confusão, Remo, Villadoniga e Og são expulsos. Renganeschi, atingido no peito, continua em campo, mas na ponta-esquerda e praticamente fazendo número. Rui passa a ocupar seu lugar na defesa.

Os jogadores deixam a técnica de lado e jogam com muita raça. Todos correm atrás da bola como loucos. Aos 38 minutos, Bauer avança pela ponta-direita e cruza fechado para a área. A bola encobre Oberdan, bate na trave e cai nos pés de Renganeschi, que a empurra para o fundo das redes do Palmeiras. São Paulo 1 x 0. ▶



A S P A R T I D A S I N E S Q U E C Í V E I S



São Paulo campeão brasileiro de 1986: com esta equipe o tricolor foi ao Brinco de Ouro e venceu o Guarani na última partida, nos pênaltis, depois de um empate dramático

A torcida delira nas arquibancadas. Apenas 7 minutos separam o São Paulo do bicampeonato. O Palmeiras ataca, o tricolor se defende como pode. É chutão para todo lado. No último minuto, Gengo chuta forte da intermediária e Gijo não consegue alcançar a bola. A torcida prende a respiração. Mas ela bate na trave e sai pela linha de fundo. O juiz apita o final do jogo. Renganeschi sai carregado como herói. São Paulo invicto e bicampeão de 1945 e 1946.

Faltava apenas 1 minuto para terminar a prorrogação e o Guarani vencia por 3 x 2 aquela dramática decisão da Copa Brasil de 1986. A bola está no pé do zagueiro Wagner, do São Paulo, que ouve um grito desesperado do goleiro Gilmar: "Passa *pro* Careca que ele resolve". Foi como se a instrução viesse dos céus. Wagner dá um chutão para a frente. O armador Pita só desvia de cabeça e a bola cai justamente no pé esquerdo dele, Careca. O

artilheiro do campeonato, com 25 gols, o abençoado, o grande Careca não perdoa: enche o pé e empata. A minoria dos 40 000 torcedores que superlotam o Brinco de Ouro, em Campinas, vai à loucura. Os são-paulinos pressentiram, naquele instante, que a estrela do time na decisão por pênaltis iria brilhar.

Mas o sofrimento começou cedo. Careca foi o primeiro tricolor a cobrar. Ingrata com o goleador, a bola repousa nos braços do goleiro Sérgio

Sergio Sade

Néri. O São Paulo, porém, tinha Gilmar, que também defendeu o pênalti de Marco Antônio e só acompanhou a bomba do ponta João Paulo por cima do gol. Coube a Wagner a missão de efetuar a última cobrança — justo ele, que havia falhado grosseiramente no terceiro gol do Bugre durante a partida e quase desmoronado os sonhos tricolores. Wagner chuta fraco, a bola percorre 11 m de angústia e vai repousar, mansinha, no fundo do gol. Pronto. O zagueiro estava reabilitado e o São Paulo conquistava o Campeonato Brasileiro pela segunda vez em sua história. Reeditava 1977, quando, também fora de casa e também nos pênaltis, cantou de galo sobre o Atlético.

Depois de 120 minutos de legítima emoção — aos 9 do primeiro tempo o jogo já estava 1 x 1 —, o São Paulo escreve seu nome na galeria das máquinas imbatíveis. Comandada pelo pé- quente Pepe, a engrenagem funcionava perfeitamente com Gilmar, Darío Pereyra, Nelsinho, Pita, Careca, Silas, Müller e, por que não, Wagner. A máquina são-paulina era forte, campeã e soberana. Os felizes tricolores sabiam disso e fizeram a festa, que atravessou a noite de 25 de fevereiro de 1987 e invadiu a madrugada. Uma madrugada que amanheceu em vermelho, preto e branco.

Na tarde de 27 de junho de 1971, mais de 115 000 pessoas se espremiavam no Morumbi para assistir à final do Campeonato Paulista entre São Paulo e Palmeiras.

Do lado do São Paulo estavam Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha; Terto, Toninho e Paraná. Do outro, Leão, Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu, Ademir da Guia e Leivinha; Edu, César e Pio. A torcida tricolor dividia palmo a palmo as gerais e arquibancadas com os palmeirenses. Nas numeradas e cativas, os são-paulinos eram maioria.

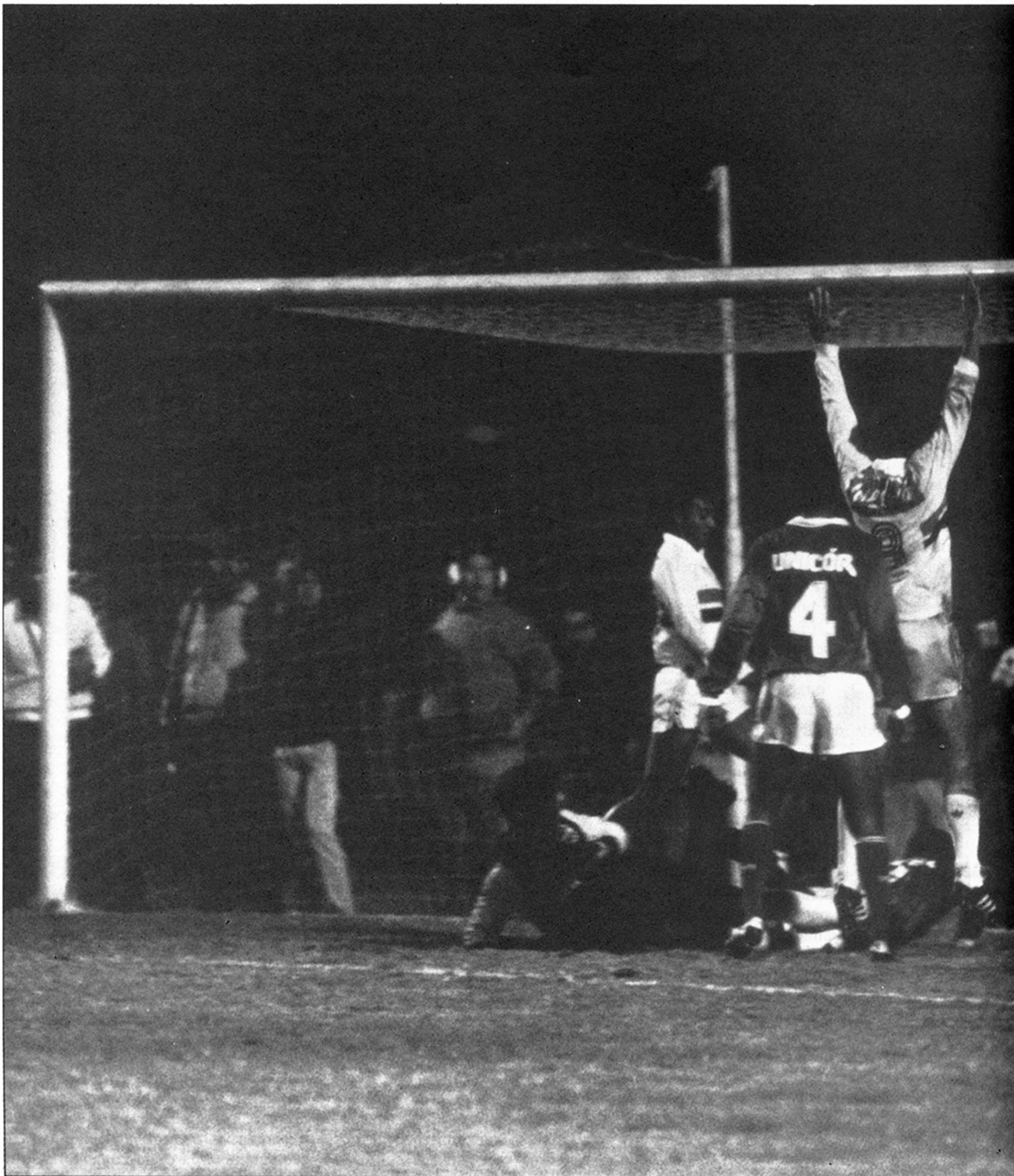
Seguindo as instruções do técnico Osvaldo Brandão, os jogadores do



Forlan assusta o Palmeiras na decisão de 1971: foi uma vitória de machos

tricolor chegavam junto, não dando espaço aos talentosos Ademir da Guia e Leivinha. Um jogo difícil, amarrado no meio-campo. Mas logo no início, aos 6 minutos, Toninho faz o gol do São Paulo. E o tricolor passa a segurar o Palmeiras. No segundo tempo, Leivinha sobe mais que a zaga são-paulina e empata. O juiz Armando Marques anula o gol, alegando que Leivinha dera um soco na bola, e não uma cabeçada. A confusão toma conta do gramado, e Eurico e Fedato são expulsos.

Os últimos minutos continuam emocionantes. A cada ataque desesperado do Palmeiras corresponde um contra-golpe fulminante do São Paulo, que só não acaba em gol graças à grande atuação de Leão. A torcida assiste de pé aos últimos minutos do jogo. Quando Armando Marques assinala o final da partida, os jogadores do Palmeiras partem para cima do juiz reclamando da anulação do gol de Leivinha. Os são-paulinos? Já estão comemorando o título nas ruas da cidade. “Gol de mão? Não, não vimos”, gozam. ●



O gol contra de André Luís, do São José, no primeiro jogo da decisão: depois disso, os são-paulinos souberam administrar a vantagem



A ÚLTIMA CONQUISTA

DEIXOU CHEGAR, DEU SÃO PAULO

A equipe se reabilitou nas partidas decisivas e, contra o Bragantino, deu uma aula de como se ganha título

O banco de reservas é o mesmo de nove anos atrás. Curioso, parece que os são-paulinos se multiplicaram. O estádio está tomado deles, todo pintado de vermelho, preto e branco. O técnico Carlos Alberto Silva não consegue evitar as lembranças de 19 de novembro de 1980, quando venceu a decisão contra o Santos. Depois disso, outros clubes passaram por suas mãos enquanto o tricolor colocava mais três faixas estaduais no peito — 1981, 1985 e 1987. Mas o destino gosta de recriar velhas cenas. No dia 2 de julho de 1989, o 0 x 0 com o São José completa um ciclo: Carlos Alberto Silva é novamente campeão no Morumbi, o São Paulo conquista seu quinto título nos anos 80 e se torna o time da década nos gramados paulistas.

“Foi o campeonato mais difícil que ganhei”, confessava o treinador, que em vinte anos de carreira chegava ao 12.º triunfo. Uma declaração que, à primeira vista, contrasta com a pouca tradição do adversário da final. Mas tem seu fundo de verdade. Afinal, até o início do segundo turno de classificação, o São Paulo viveu de uma inconstância que acabou por derrubar um mito, o técnico Cilinho. Carlos Alberto assumiu a exatos 78 dias da decisão e, aos poucos, tratou de reabilitar jogadores experientes, com passagens pela Seleção, como Gilmar, Zé Teodoro, Nelsinho, Bobô, Raí e Edivaldo.

Para completar essa base, buscou no

Sporting, de Portugal, o quarto-zagueiro Ricardo — ex-Guarani —, que estava encostado no clube em razão de problemas políticos e financeiros. “Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida”, constatava o jogador, que colocou ordem na defesa. Essa defesa tomou um único gol a partir das semifinais com o surpreendente Bragantino — o carrasco do favorito Palmeiras. “O time cresceu e se entrosou na hora certa”, observava Ricardo.

Com tantos craques consagrados na equipe, as glórias, no entanto, ficaram para os outrora coadjuvantes. Ou nem isso. Foi o caso do volante Vizolli, que vivia em desgraça no Morumbi, peregrinou por Paulista de Jundiaí, XV de Piracicaba e Yomiuri, do Japão, mas ganhou a confiança do treinador. “Minha salvação foi Carlos Alberto Silva”, reconhece o cabeça-de-área, que, com seu estilo guerreiro, bem ao gosto do técnico, e como Ademir nos tempos do Cruzeiro, reeditou o Chicão do São Paulo nos anos 70. “Botei na cabeça que, antes de tudo, tinha de ser valente”, confirma Vizolli. “Sem medo de colocar a perna numa dividida mais dura.”

Esse não foi o único caso são-paulino de um jogador que acabou se reabilitando e se transformando em destaque. Desde a chegada ao Morumbi, em setembro do ano passado, o ponta-direita Mário Tilico sofria com o peso de ser o desconhecido que custou 140 milhões de cruzados — cerca de 620 000 cruzados novos em junho de 1989 — para o ▶



Orlando Kissner



A ÚLTIMA CONQUISTA



Silvio Porto



Oriando Kissner

Gilmar (à esquerda) comemora mais um título pelo São Paulo. Seguro e competente em campo, o goleiro provou que também sabe como levar os companheiros à luta. Mário Tilico (acima) que o diga. Foi depois de uma bronca de Gilmar que ele começou a apresentar seu futebol — decisivo desde as partidas das semifinais

lugar do ex-ídolo Müller. Muito, para quem não fora aproveitado pelo Vasco e tinha no currículo apenas CSA, Figueirense, América de Rio Preto e Náutico. Uma recuperação que começou numa discussão com o goleiro Gilmar, depois da derrota de 2 x 1 para o Santos, já no segundo turno. “Você desistiu, jogou a toalha”, provocava o experiente companheiro. “Vamos ver quem

jogou a toalha”, respondeu aos gritos o atacante.

Justamente nas partidas decisivas, Tilico mostrou que não estava nocauteado. Num jogo tão emocionante quanto aqueles 3 x 3 que decidiram o Campeonato Brasileiro de 1986, São Paulo e Guarani disputaram no Brinco de Ouro uma vaga nas semifinais. O tricolor precisava de um empate, mas



Oriando Kissner



Inteligente e clássico, o meio-campo Raí (abaixo) deu o tom nos jogos contra o Bragantino. Ele e os companheiros cresceram de produção nos momentos que o tricolor mais precisava. Resultado: o Morumbi passou a guardar mais um caneco. Foi difícil, exigiu muita determinação. Mas, no fim, o time manteve a rotina da década



por duas vezes o Bugre passou à frente do marcador. A 6 minutos do final, o ponta derrubou os sonhos do adversário ao decretar 3 x 2, com chute cruzado, parecido com aquele que Gighia, do Uruguai, fez sobre o Brasil na fatídica Copa de 1950.

Só que este não foi o único gol importante assinalado por Tilico. Na primeira semifinal contra o Bragantino,

abriu caminho para a vitória de 2 x 0 no acanhado estádio do adversário. E pareceu mágica. Lançado em diagonal, o ponteiro passou pelo goleiro, mas deixou a bola escapar e ficou sem ângulo. Mesmo assim, quase sobre a linha de fundo, arriscou um toque por cobertura. Um golaço. O São Paulo dava mostras de que também os deuses estavam jogando por ele. ▶



A ÚLTIMA CONQUISTA



Silvio Porto

Um bom sinal para quem teria de enfrentar outro santo na decisão. O São José também não chegou até lá por obra de sorte. Com a segunda melhor campanha do campeonato — atrás apenas do Palmeiras —, a equipe do interior mostrava um futebol organizado, capaz de eliminar o Corinthians nas semifinais. Tinha uma zaga experiente, com Juninho e André Luís, e o goleador da competição, o rápido Tôni, que marcou treze gols. O time ainda possuía a vantagem de chegar ao título com apenas dois empates.

Restava ao São Paulo fazer prevale-

cer sua tradição vencedora logo a partir da primeira final. Quando tudo levava a crer que a definição iria ficar mesmo para o domingo, o lateral Zé Teodoro arrancou pela direita e cruzou rasteiro. O goleiro Luís Henrique já estava batido e a bola iria sobrar para o jovem centroavante Ney, quando o quarto-zagueiro André Luís se atrapalhou e a empurrou para as redes. À Providência estava fazendo justiça ao santo que dominou a década de 80. Parecendo consciente disso, o próprio Zé Teodoro se ajoelhou à beira do gramado e levantou as mãos aos céus.

Mas, como Deus só ajuda a quem cedo madruga, o São Paulo trabalhou muito até chegar a merecer as bênçãos divinas. Clube mais bem estruturado do Brasil, o tricolor não poupou esforços para igualar o feito dos anos 40, quando também conquistou cinco títulos paulistas — 1943, 1945, 1946, 1948 e 1949. Na véspera da segunda partida da decisão, levou toda a parafernália de fisioterapia necessária para recuperar o craque Bobô até o hotel cinco estrelas onde a equipe se concentrou durante a semana.

Castigado pelas marcações adversá-



Orlando Kissner

rias, Bobô não chegou a repetir as mesmas atuações dos tempos do Bahia. O sacrifício pessoal, porém, permitiu uma artimanha de Carlos Alberto Silva: o craque tratou de abrir espaços para a criatividade de Raí, o verdadeiro organizador são-paulino. Talvez por isso o técnico se tenha lamentado tanto quando Bobô saiu lesionado ainda no primeiro tempo da decisão. “Ele não queria nem sair de maca”, revela o médico Marco Aurélio Cunha, que, ao lado do preparador físico Beбето de Oliveira, é o responsável pelo equilíbrio psicológico do grupo tricolor.

“Sou pé- quente e acredito que venci a má fase inicial”, dizia Bobô, enquanto festejava seu segundo título de 1989 — havia sido campeão brasileiro pelo Bahia em fevereiro. Com pouco tempo de Morumbi, o meia já pôde sentir o que fez do São Paulo o time dos anos 80: estrela, organização, competência. Qualidades que levam a conquistas. Títulos que atraem mais e mais torcedores para o tricolor. Como constatou Carlos Alberto Silva assim que se sentou naquele mesmo banco, nove anos depois, completando um ciclo, uma década de glórias vermelhas, pretas e brancas. ●

Zé Teodoro ergue as mãos para os céus e agradece mais um título. O São Paulo era um time inconstante, mas na hora decisiva soube impor o seu futebol. O técnico Carlos Alberto Silva reabilitou jogadores experientes e a harmonia de conjunto logo apareceu. Com a contratação do quarto-zagueiro Ricardo, a equipe ficou pronta.



A HISTÓRIA DO CLUBE

VIDA E GLÓRIA DO CLUBE DA FÉ

O começo foi conturbado, tanto que precisou ser fundado três vezes. Mas o São Paulo nunca parou de crescer. O segredo? Simples: contratar craques



O campo do Canindé, adquirido em 1944, foi o primeiro que o clube possuiu

A história da fundação do São Paulo foi a mais conturbada e cheia de obstáculos de todos os clubes brasileiros. O tricolor nasceu num momento de crise do futebol, quando adeptos do profissionalismo e do amadorismo lutavam para impor suas idéias. E teve, praticamente, três datas de fundação: 26 de janeiro de 1930, quando surgiu o São Paulo da Floresta, reunindo ex-jogadores, dirigentes e torcedores do Clube Atlético Paulistano e da Associação Atlética Palmeiras; 4 de junho de 1935, quando, depois da fusão do São Paulo

da Floresta com o Clube de Regatas Tietê, foi extinto o futebol no novo clube, e sócios, jogadores, torcedores e dirigentes inconformados com o fato criaram o Clube Atlético São Paulo; e, finalmente, 16 de dezembro de 1935, quando vinte dedicados são-paulinos resolveram enfrentar de vez as dificuldades financeiras que o Clube Atlético São Paulo atravessava e formaram a primeira diretoria, mudando o nome para São Paulo Futebol Clube.

Mas vamos começar por 1930. A cidade de São Paulo ainda era a tranqüila "terra da garoa". Só se agitava, mes-

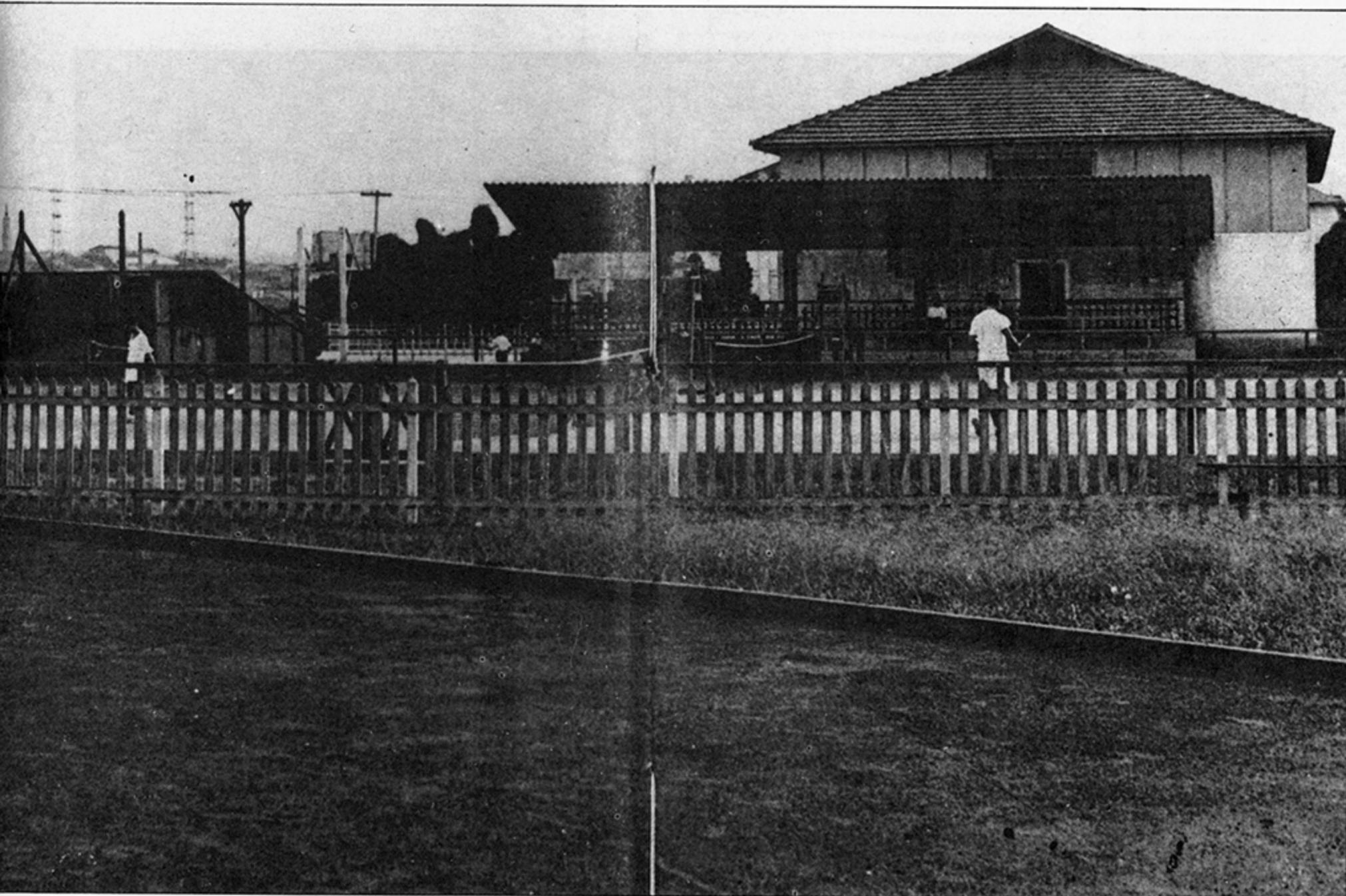
Acta da Assemblia, realisada em 16 de Dezembro de 1935

Nos dezesseis dias do mes de Dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de São Paulo, ás vinte horas, num das salas do prédio nº 94, da rua Onze de Agosto, perante grande numero de pessoas interessadas que attendiram a esse convite feito por intermedio da imprensa pela Direcção do Premio Tricolor realisou-se a assemblia que teve por fim fundar o "São Paulo Futebol Clube". Na qualidade de presidente dos directores do Premio Tricolor presente á reunião, o sr. Tenente José Carphus da Paz, depois de expor os motivos da convocação da assemblia, pediu que indicassem um dos proscritos aquella reunião, para dirigir os trabalhos. Por unanimidade foi indicado o nome do sr. Tenente José Carphus da Paz, que assumindo a presidencia da reunião, recolheu para seus secretarios os srs. Bolo Campos e Francisco Ciria Lacerda. Depois de agradecer a sua indicação o sr. Presidente deu conhecimento da ordem dos trabalhos que publicaram o seguinte ordeno da assemblia: a) leitura, discussões e approvação do Estatuto; b) eleição da Direcção; c) ...

A terceira e definitiva fundação do tricolor aconteceu em dezembro de 1935 (acima, a ata). Sumiu o Clube Atlético São Paulo e surgiu a primeira diretoria do São Paulo Futebol Clube

mo, em dias de grandes clássicos no futebol. O Clube Atlético Paulistano e a Associação Atlética Palmeiras — que não tem nada a ver com o Palmeiras de hoje — eram, sem dúvida, dois dos maiores times da cidade. Apesar disso, estavam condenados à extinção. É que o futebol, disputado até então por amadores, começava a se profissionalizar — e tanto o Paulistano como a A.A. Palmeiras resistiam à idéia. Brigava-se dentro e fora dos clubes, e havia até duas federações de futebol: a Associação Paulista de Esportes Amadores (APEA), favorável ao profissionalismo, e a Liga, adepta do futebol amador. Numa dessas grandes brigas — entre os jogadores do São Bento da capital e os do Paulistano —, a diretoria do elegante clube do Jardim América resolveu acabar com o futebol. Antônio Prado Júnior, presidente do Paulistano e prefeito da capital, era a favor da preservação do amadorismo e não concordava com a idéia de remunerar os jogadores.

A diretoria da A.A. Palmeiras, por



A mesa que presidiu a primeira assembléia, em 3 de dezembro de 1935

O campo do Canindé (*acima, oito anos após a compra*) acabou com aquela história de parte dos atletas se concentrar na casa do presidente e outra na Igreja da Consolação

sua vez, resolveu aderir ao profissionalismo e se filiou à APEA. Mas não conseguiu adaptar-se aos novos tempos e acabou de pires na mão, tentando obter recursos para seus jogadores. Ameaçada de perder seu campo na Floresta, uniu-se ao grupo do Paulistano favorável ao profissionalismo. O Paulistano tinha o dinheiro e a A.A. Palmeiras, o campo. Podiam, juntos, manter vivo o futebol de Friedenreich, Araken Patuska, Waldemar de Britto e Luisinho.

Assim, no dia 26 de janeiro de 1930, num velho casarão da Praça da República, dirigentes, torcedores e sócios dos ▶



A HISTÓRIA DO CLUBE



Lemyr Martins

Em 1943, o time ganha o reforço do argentino Sastre (o segundo da esquerda para a direita, agachado) e conquista o campeonato, empatando com o Palmeiras na decisão

dois clubes se reuniam para fundar o São Paulo da Floresta. As cores eram a fusão do branco e vermelho do Paulistano com o preto e branco da Palmeiras. O time já nascia tricolor: branco, preto e vermelho. O campo da Floresta foi reformado e, no dia 9 de março, o clube promovia

o Torneio-Início do Campeonato Paulista de 1930. O time da estréia era formado por Nestor; Clodoaldo e Bartô; Sérgio, Rueda e Abatte; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella.

O primeiro título veio logo, em 1931, no segundo Campeonato Paulista disputado pelo São Paulo, com Nestor; Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Siriri, Friedenreich, Araken e Junqueira.

Tudo corria bem em campo. Mas, na direção do clube, isso não acontecia. Alguns dirigentes resolveram comprar

para sua sede um luxuoso palacete na Rua Conselheiro Crispiniano — o Trocadero. A dívida de 190 contos-de-réis, a princípio, não assustou. Depois, tornou-se terrivelmente pesada e os dirigentes preferiram negociar o campo da Floresta, fazendo uma fusão com o Clube de Regatas Tietê e acabando com o futebol.

No dia seguinte à fusão com o Tietê, lá estavam os caminhões arrancando as torres de iluminação e as traves do campo. Algumas testemunhas daquele fato contam que até lágrimas rolaram dos



Fotos Lemyr Martins

Bicampeão de 1945 e 1946: com Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira no ataque, um time imbatível



Zizinho chegou veterano em 1957, mas comandou a equipe a um título em que só os são-paulinos de muita fé acreditavam



A HISTÓRIA DO CLUBE



O Morumbi, maior estádio particular do mundo, orgulho dos são-paulinos



ESTATUTO

Os poderes do São Paulo F.C. — entidade criada para promover a educação física, reuniões cívicas, culturais e desportivas, segundo seus estatutos — são os seguintes: a Assembléia-Geral, que se reúne de quatro em quatro anos, na primeira quinzena de abril, para eleger metade dos membros do Conselho Deliberativo; o Conselho Deliberativo, que elege e empossa o presidente da diretoria, cujo mandato dura dois anos; o Conselho Consultivo, ao qual cabe preservar as tradições do clube; e o Conselho Fiscal, que inspeciona as decisões de caráter financeiro tomadas pela diretoria.

O São Paulo tem sete categorias de sócios, que vão dos grandes beneméritos aos temporários.

olhos de torcedores. Todo o sacrifício de gente abnegada ia por água abaixo.

Muitos são-paulinos se revoltaram. Recorreram à Justiça, mas foram derrotados. Obstinação, resolveram criar um grêmio tricolor para dar continuidade ao futebol do São Paulo. Assim, depois de várias reuniões, era fundado no dia 4 de junho de 1935, nos escritórios da Comercial Meca, na Rua João Brícola, o Clube Atlético São Paulo, dirigido pelo tenente Porfírio da Paz. O São Paulo continuava vivo, mas as dificuldades financeiras aumentavam. E, não fosse a fé que uniu os vinte homens dispostos a vencer os obstáculos, o São Paulo não se consolidaria.

No dia 16 de dezembro de 1935, Porfírio da Paz, Matos Viana, os irmãos Toledo, monsenhor Bastos, Alcides Borges, Pereira Carneiro e outros deram o passo definitivo para solidificar o tricolor no futebol. As 20 horas, no escritório de Silva Freire, na Rua 11 de Agosto, 9-A, eles fundavam o São Paulo Futebol Clube, elegendo como primeiro presidente Manoel Carlos Meca e como diretor de esportes Porfírio da Paz. No dia seguinte, começava a procura de novos craques.

Porfírio se encarregou de conseguir ▶



A HISTÓRIA DO CLUBE



A equipe campeã paulista de 1980: com Paulo César na ponta-direita e Renato na meia, um toque de malícia para o ataque

jogadores na capital e Meca, no Paraná. Vieram o goleiro King, José e Segoa. Na Rua da Mooca, aconteceu o primeiro treino: 7 x 3 sobre o Clube Atlético Paulista. Dois dias depois, novo treino, dessa vez contra o Palestra: São Paulo 3 x 2.

O primeiro jogo oficial do São Paulo Futebol Clube acabou acontecendo no dia 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo. O adversário foi a Portuguesa Santista e o jogo, no Parque Anártica. Mas, horas antes do início, correu a notícia de que a partida estava proibida pela Secretaria da Educação. Era dia de desfile militar e não podia haver jogo de futebol na cidade. Porfírio da Paz, tenente da Força Pública, ficou revoltado. Tomou um táxi e foi direto à Avenida Paulista, onde estava acontecendo o desfile. Sem mais ceri-

mônias, subiu ao palanque e exigiu do secretário Cantídio Sampaio a liberação do jogo. O secretário cedeu à exigência de Porfírio e a ordem foi passada num receituário médico.

O time da estréia: King; Rui e Pica-reta; Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho. A festa do São Paulo foi completa. Além de superar todas as dificuldades para realizar a partida, o time acabou ganhando de 3 x 2 — gols de Rui, Antoninho e Carrazo.

Já em 1936, o novo São Paulo disputava seu primeiro Campeonato Paulista. Terminou em nono lugar, com dezesseis pontos perdidos.

Eram tempos difíceis. Mesmo com uma ou outra boa renda, o dinheiro ainda era pouco. Além dos vinte fundadores, ninguém queria assumir um cargo

na diretoria. Havia poucos sócios. Em muitas reuniões do Conselho Deliberativo, só aparecia seu presidente, monsenhor Bastos. Mas o pior, mesmo, é que o time parecia uma trupe de ciganos. Cada dia treinava num campo de várzea, sem ter ainda um gramado próprio. A concentração era dividida: metade dos jogadores ficava na torre da Igreja da Consolação, metade na casa do presidente do clube. Com todas essas dificuldades, e ainda o dinheiro curto, não foi fácil encontrar um técnico para o time. Mas os dirigentes são-paulinos ficaram sabendo de um rapaz gordinho que andava fazendo muito sucesso na várzea. Foram buscá-lo. Ele aceitou as condições e topou o desafio. Era Vicente Italo Feola — que se tornou, em 1958, o técnico da Seleção Brasileira campeã do mundo.

Em 1938, o São Paulo resolveu seu problema de campo de futebol. O Estudantes, da Mooca, que tinha um bom time e um campo cedido pela Companhia Antarctica Paulista, acabou se fundindo com o tricolor. A única dificuldade foi o nome. Os dirigentes do Estudantes batiam pé e não abriam mão do deles. Os do São Paulo queriam continuar como São Paulo Futebol Clube — e também estavam inflexíveis. Mas a situação econômica se agravava. Chegou a tal ponto que muitos diretores do tricolor já estavam pensando em desistir do nome para apressar a fusão e conseguir mais dinheiro. Mas o presidente do São Paulo, Frederico Menzen, não permitiu. Exigiu que o clube continuasse a se chamar São Paulo Futebol Clube. Ou, então, não haveria fusão com o Estudantes. Depois de muita briga, o ponto de vista de Menzen prevaleceu. Mas faltava escolher o novo presidente. Não podia ser nenhum dos presidentes envolvidos. Elegeu-se, então, Piragibe Nogueira — um grande são-paulino que, mobilizando todos os adeptos do tricolor, fez o clube tirar o pé da lama.

A Segunda Guerra Mundial acabou favorecendo a intenção do São Paulo de aumentar seu patrimônio. Nessa época, os clubes alemães no Brasil foram obrigados a trocar de nome. E no Canindé havia um deles, onde os sócios só praticavam ginástica. O São Paulo comprou o clube por um valor abaixo do mercado na época, permitindo em troca que os associados alemães continuassem a frequentar a então sede do tricolor no Canindé.

Agora, o clube já tinha onde treinar e concentrar seus atletas. Só faltava reforçar o time. E o primeiro grande reforço foi nada menos que Leônidas da Silva, o Diamante Negro. Em 24 de maio de 1942, dia de céu limpo e claro, com o Estádio do Pacaembu lotado, acontecia a estréia do jogador, comprado ao Flamengo por 200 contos-de-réis, uma fortuna na época. Estava começando a fase de ouro do São Paulo.

Nesse dia, bateu-se o recorde de público no Brasil: 70 281 pessoas foram ao Pacaembu assistir ao duelo entre o ataque tricolor — Luisinho, Waldemar,

Leônidas, Remo e Pardal — e a defesa corintiana — Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino. Uma grande partida, que terminou empatada em 3 x 3.

Leônidas deu mesmo uma virada no time. E, já com o argentino Sastre na equipe, o São Paulo venceu o Campeonato Paulista de 1943, empatando com o Palmeiras na decisão do título. Era o São Paulo de Rui, Bauer e Noronha, de Zezé Procópio e dos pontas Luisinho e Teixeira. Frederico Menzen, três vezes presidente do São Paulo, lembraria mais tarde que “aqueles eram tempos em que a moeda caía em pé e o São Paulo era campeão”. Essa história foi assim: houve uma reunião na Federação e os presidentes do Palmeiras e do Corinthians discutiam para prever quem seria o campeão de 1943. E resolveram decidir na moeda. Se desse cara seria Corinthians; coroa, seria Palmeiras. Menzen reclamou: “E para o São Paulo não sobra nada?” Os outros dois responderam: “Só se a moeda cair em pé”. No fim do campeonato a torcida do São Paulo desfilou pelas ruas da cidade com um carro alegórico representando uma grande moeda em pé.

A partir daí, só dava São Paulo. Foi campeão em 1945 e 1946. E, depois da perda do título de 1947, outro bicampeonato: 1948 e 1949. No campeonato de 1948, o tricolor já tinha no time um garoto, zagueiro-central, futuro campeão do mundo: Mauro Ramos de Oliveira. Para o bicampeonato de 1949, o tricolor foi buscar no Rio de Janeiro o ponta-direita Friaça. O título foi decidido numa dramática partida com o Corinthians. Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira. A partida terminou 3 x 3 e o São Paulo se sagrou bicampeão, com dois gols de Friaça e um de Leônidas.

A situação do clube, no entanto, não era das melhores. E já se falava em acabar — outra vez — com o futebol. Foi quando surgiu um jovem são-paulino e sugeriu ao presidente Cícero Pompeu de Toledo a venda do Canindé e o início da construção de um novo estádio. “Um time não pode ter apenas on-

ze camisas, uma bandeira e muitas dívidas”, disse o jovem, que se chamava Laudo Natel. A década de 50 começava, então, com um empreendimento muito mais audacioso do que a contratação de Leônidas: a construção do Morumbi.

Parecia um absurdo, mas não é à toa que o São Paulo é conhecido como “Clube da Fé”. A diretoria saiu à procura de um terreno e foi dar no Jardim Leonor, no Morumbi. Depois de muitas visitas ao gabinete do prefeito Fábio Prado e aos escritórios da Construtora Aricanduva, dona do Jardim Leonor, o tricolor acabou conseguindo a doação de 90 000 m². Somados aos 68 000 comprados pelo clube, perfazem os 158 000 m² ocupados hoje pelo Estádio do Morumbi e pela parte social do São Paulo. No dia 15 de março de 1952, o monsenhor Bastos benzia a área onde seria construído o maior estádio particular do mundo. Em 25 de janeiro de 1960, o São Paulo disputava sua primeira partida no ainda inacabado Morumbi, jogando e vencendo o Sporting, de Lisboa, por 1 x 0, gol de Peixinho.

Os esforços para que o gigantesco estádio fosse construído não diminuíram, a princípio, os títulos do tricolor. Em 1953, ele conquistava mais uma vez o Campeonato Paulista de futebol. Poy; De Sordi e Mauro; Pé-de-Valsa, Bauer e Alfredo; Haroldo, Negri, Abella, Maurinho e Teixeira venceram por 2 x 1 o jogo decisivo com o Palmeiras.

Mas o título inesquecível para os tricolores foi mesmo o de 1957, quando, numa dramática partida, o São Paulo venceu o Corinthians por 3 x 1 no Pacaembu. Em mortais contra-ataques, Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro arrasaram o Corinthians. Depois desse título, conquistado sobretudo pelo apurado futebol de Zizinho, o tricolor atravessou um período muito difícil. Os pesados gastos com a construção do Morumbi aumentavam cada vez mais, inviabilizando grandes investimentos no futebol, e o time só voltou a conquistar um título paulista em 1970.

Já com o estádio totalmente pronto, o São Paulo foi campeão decidindo o título-▶



A HISTÓRIA DO CLUBE



J.B. Scalco

Bicampeão em 1981: o time já conta com o gênio do ponta-esquerda Mário Sérgio e dá espetáculos inesquecíveis



Campeão de 1985: no comando do ataque, o grande Careca, coadjuvado pela raça e a juventude de Müller e Silas

Nico Steves



Sérgio Berezovsky

Em 1987, mais um caneco para a sala de troféus do Morumbi: Pita, Müller e Edivaldo estrçalharam nesse ano

lo com o Guarani, em Campinas. Vitória de 2 x 1 para o tricolor, que já tinha Pedro Rocha, Gérson, Toninho e Forlan no time. Os gols foram de Toninho e Paulo. Em 1971, ganhando do Palmeiras dentro do Morumbi, gol de Toninho, o São Paulo foi bicampeão paulista. No mesmo ano foi vice-campeão brasileiro, perdendo para o Atlético Mineiro por 1 x 0 no Mineirão.

Em 1974, o tricolor foi vice-campeão invicto e, em 1975, com um time de muitos jogadores jovens, como Murici, Zé Carlos, Paranhos e o artilheiro Serginho, comandados por José Poy, foi novamente campeão paulista. No dia 17 de agosto de 1975, São Paulo e Portuguesa entraram no Morumbi para decidir o título daquele ano. A decisão acabou acontecendo por pênaltis. A Portuguesa venceu por 1 x 0 no tempo normal. O São Paulo empatou na prorrogação. Vieram os pênaltis e deu São Paulo.

Mas o primeiro dos maiores títulos do tricolor viria mesmo em 1977, quan-

TÍTULOS

O São Paulo foi campeão paulista em 1931, 43, 45, 46, 48, 49, 53, 57, 70, 71, 75, 80, 81, 85, 87 e 89; campeão brasileiro em 1977 e 86; e conquistou os seguintes títulos internacionais: Troféu Jarrito, no México, em 1955; campeão da Pequena Taça do Mundo, na Venezuela, em 1955; do Torneio Pentagonal de Guadalajara, no México, em 1960; campeão da Pequena Taça do Mundo, na Venezuela, em 1963; campeão do Torneio de Florença, na Itália, em 1964; e do Torneio de Huelva, na Espanha, em 1969.

do, dentro do Mineirão, um time em que poucos acreditavam derrotou por pênaltis o Atlético Mineiro.

Em 1980 e 1981, o São Paulo conquistou mais um bicampeonato. O time de 1980 já contou com o ponta-direita Paulo César e com o excelente

ponta-de-lança Renato, contratado ao Guarani. O de 1981 contou com a arte e a malícia do ponta-esquerda Mário Sérgio.

Novos títulos paulistas viriam em 1985 e 1987. Em 1985, o grande craque era o centroavante Careca. Mas esse notável artilheiro era abastecido pela experiência do estilista Falcão e pela juventude de Silas e Müller. Em 1987, os grandes nomes foram Pita, Müller e Edivaldo. Entre esses dois títulos, o São Paulo conquistou o Brasileiro de 1986 de forma brilhante — empatando com o Guarani na partida final em 3 x 3 e vencendo nos pênaltis.

Em 1989, contando com o quarto-zagueiro Ricardo, o ponta-direita Mário Tilico e o meio-campo Bobô, o São Paulo faturou mais um título paulista, passando pelo São José nas finais.

O São Paulo tem pela frente um futuro promissor, no qual não faltarão os títulos. É seu destino. É o fruto da fé que sempre moveu os pioneiros são-paulinos. ●



O S G R A N D E S Í D O L O S

DEUSES DA NAÇÃO TRICOLOR

De Friedenreich a Careca, de Leônidas a Serginho, de Forlan a Darío Pereyra, o São Paulo abrigou craques e guerreiros, gente que deu sangue e arte e por isso ficou no coração da torcida



Zizinho, herói de 1957: jogando quase parado, ainda assim empolgava

ZIZINHO

No gol, a disciplina e a segurança de José Poy; na defesa, a eficiência de De Sordi e Mauro; no meio-campo, a seriedade de Dino Sani; no ataque, o brigador Gino e, nas pontas, a velocidade e a malícia de Maurinho e Canhoteiro. O São Paulo tinha uma equipe de respeito, mas faltava alguém que pudesse organizar o talento daqueles jogadores. Esse alguém acabou sendo Zizinho, contratado pelo tricolor em 1957, a pedido do técnico Bella Gutman.

Zizinho — ou Thomaz Soares da Silva — tinha 35 anos e já havia sido tricampeão carioca pelo Flamengo, além de ter sido o “melhor jogador da Copa de 1950” e de ter participado de todas as seleções formadas em sua época.

Muitos acharam sua contratação um erro porque Zizinho não iria agüentar o ritmo dos demais jogadores. O que aconteceu, no entanto, foi exatamente o contrário: no meio-campo, quem ditou o ritmo foi ele com seus passes preciosos; quem regeu a orquestra de talentos foi ele, com sua técnica refinada; e foi ele quem levou o São Paulo ao campeonato, num momento em que o Corinthians e o Santos dominavam o futebol paulista.

Zizinho ultrapassou a esfera nacional. Foi chamado de “gênio” por Willy Meils, comentarista austríaco. Foi comparado ao pintor Leonardo da Vinci por um jornalista italiano. E, de fato, era um artista com a bola nos pés. Ficou pouco tempo no São Paulo, mas jogou o suficiente para jamais ser esquecido por quem o viu em campo.

CARECA

Quando chegou ao Morumbi, em 21 de janeiro de 1983, vindo do Guarani para ocupar o lugar deixado vago por Serginho, Antônio Oliveira Filho, o Careca, provocou uma euforia incomum nos são-paulinos. Mas levou algum tempo até se firmar. Sofria de uma certa artrite soronegativa no joelho, uma doença esquisita que demorou a curar. A imprensa e a torcida criticavam. Mas, quando deixou o São Paulo, depois da Copa do Mundo de 1986, ele já tinha o cartaz de um dos maiores atacantes do mundo.

Careca foi campeão paulista e artilheiro de 1985, com 23 gols, e goleador do Brasileiro de 1986, com 25. Nesse ano, marcou um gol inesquecível sobre o Guarani, seu ex-club: foi no último minuto da prorrogação da partida final, levando a decisão para os pênaltis. Aí, deu São Paulo campeão do Brasil.

Com 1,79 m e 76 kg, esse paulista nascido em Araraquara em 5 de outubro de 1960 não está na galeria dos maiores artilheiros da história tricolor. Mas, se a galeria contivesse apenas os gols marcados com arte, ele certamente estaria entre os maiores destaques. Careca fazia gols depois de passar por vários adversários, de sem-pulo, com matadas no peito na pequena área e até de bicicleta. Depois de brilhar na Copa do Mundo de 1986, foi para o Napoli fazer diabruras ao lado de Maradona.

Os são-paulinos sentem saudade daquele atacante que às vezes surpreendia os próprios companheiros. Entre eles, até corria uma senha que significava o seguinte: quando a coisa ficasse preta, devia-se passar a bola para Careca. Ele resolvia.



Entre os jogadores do São Paulo, corria uma senha: "Passem a bola para Careca que ele resolve". Resolvia mesmo. E não com gols comuns. Eram gols depois de fazer fila, de bicicleta, com matadas no peito na pequena área. Um centroavante fora de série



OS GRANDES ÍDOLOS



Leônidas da Silva, o *Diamante Negro*, na jogada que o consagrou: de 1942 a 1951, encantando são-paulinos

LEÔNIDAS

Leônidas da Silva, o Diamante Negro (apelido que ganhou na Copa Rio Branco de 1932, em Montevideu), chegou ao São Paulo em 1942, com 29 anos e já consagrado. Veio do Flamengo por 200 contos-de-réis — na época, a transação mais cara do futebol sul-americano.

Campeão pela Seleção Carioca em

1931, 1938, 1939 e 1940, e artilheiro da Copa do Mundo de 1938, com sete gols, Leônidas da Silva estreou no São Paulo num jogo contra o Corinthians em 27 de abril de 1942, no Pacaembu. E trouxe para o clube os títulos paulistas de 1943, 1945, 1946, 1948 e 1949, participando, na opinião de muitos, da melhor equipe que o tricolor já teve: Gijo; Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha;

Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

Em 1950, o Homem de Borracha, o Rei da Bicicleta, jogou apenas uma vez, contra o Nacional.

Foi técnico por algum tempo, mas acabou voltando aos gramados como jogador em 1951. Despediu-se do futebol nesse mesmo ano jogando por um combinado São Paulo-Bangu, na Bélgica.

DARIO PEREYRA

Com apenas 21 anos, Darío Afonso Pereyra Bueno era o capitão da Seleção Uruguaia. Ele tinha um vigor fora do comum. Foi contratado pelo São Paulo em 1977, ano de ouro do tricolor, quando o time de Rubens Minelli, enfrentando o favorito Atlético num Mineirão superlotado, venceu nos pênaltis e se sagrou campeão brasileiro pela primeira vez em sua história.

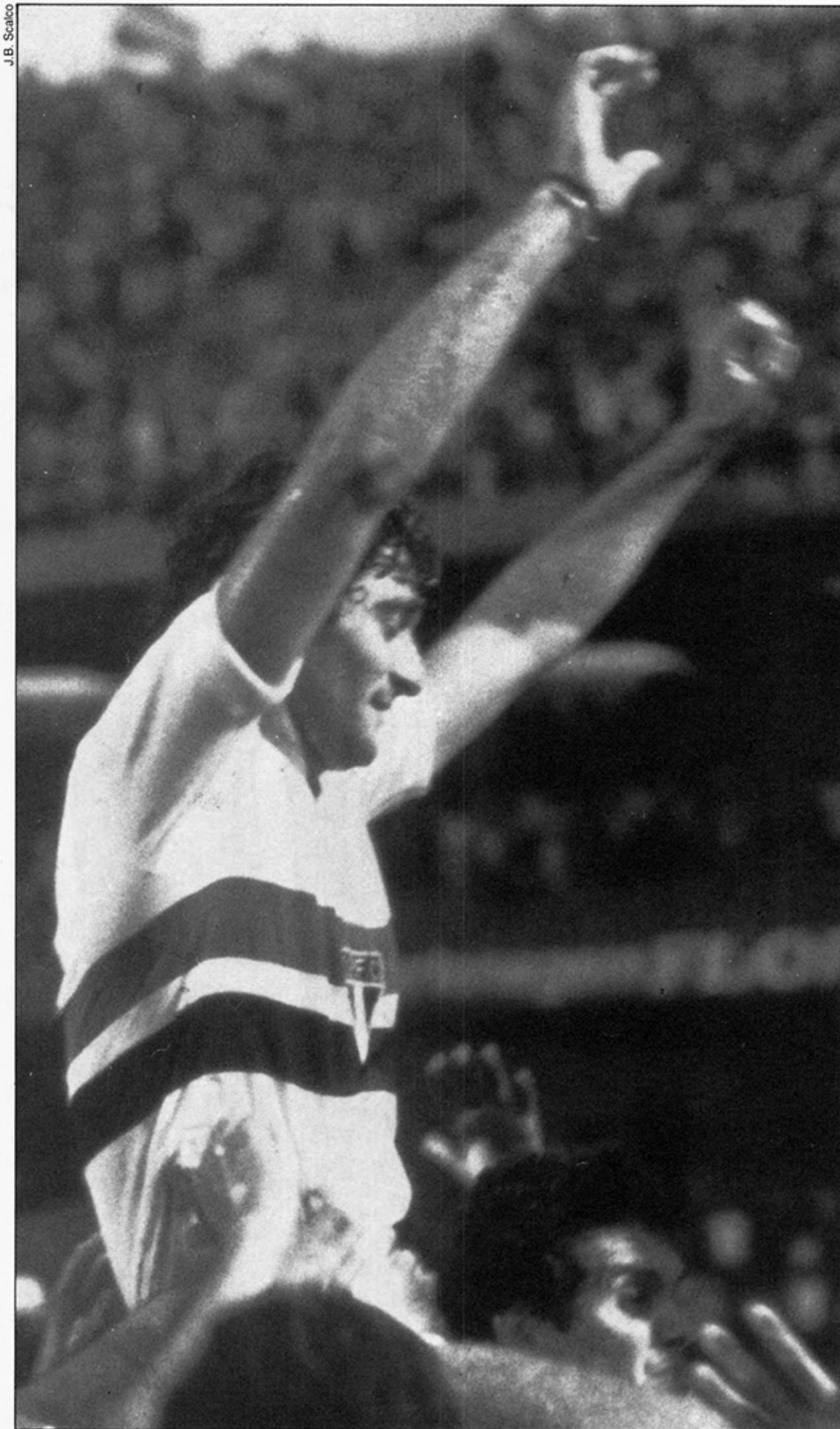
No começo, Darío Pereyra teve problemas de adaptação. Não conhecia a capital paulista e estranhava o esquema de jogo praticado pelo tricolor. Era escalado no meio-campo e não conseguia render o mesmo dos tempos do Nacional e da Seleção de seu país. A torcida, que o havia recebido no aeroporto como Rei Darío, parecia conhecer o problema e esperava paciente. Afinal, sete anos antes um outro uruguaio, Pedro Rocha, tido como um dos melhores jogadores do mundo, demorara quase um ano para se adaptar totalmente ao clube.

Mas Darío não demorou tanto. Numa emergência, Minelli colocou-o para jogar como quarto-zagueiro. Darío estranhou, mas tentou.

Estraçalhou e não saiu mais da posição. A torcida fez a festa e o elegou um dos "deuses da raça" do Morumbi. Quando Oscar chegou, contratado ao Cosmos de Nova York, formou com ele a melhor dupla de zagueiros do país. Muita gente até lamentava que Darío fosse estrangeiro e não pudesse defender a Seleção Brasileira.

Darío ainda não tinha sentido o gosto de um título paulista, mas não precisou esperar muito. Em 1980, ele comandava o time até a torcida gritar "é campeão". E, no ano seguinte, repetia a dose.

Darío foi, de fato, uma peça fundamental da equipe e não apenas nesses títulos. Em 1986, ele foi uma das principais figuras da conquista do segundo Campeonato Brasileiro do São Paulo. Com a garra de sempre.



Darío Pereyra: a classe do craque universal combinada com a raça uruguaia



OS GRANDES ÍDOLOS



SASTRE

Em 1943, o excelente São Paulo precisava apenas de mais um jogador para disputar o Campeonato Paulista. Um jogador inteligente, técnico, cerebral, enfim, alguém que impulsionasse o time dentro do campo. O nome do argentino Antonio Sastre foi lembrado. Mas, até que ele se tornasse um ídolo tricolor, muita coisa aconteceu. Primeiro, quase toda a imprensa paulista, quase toda a torcida e até dirigentes do clube não aprovavam a contratação. Sastre já estava com 32 anos e “em fim de carreira”, diziam. Depois, o próprio Independiente, de Buenos Aires, não queria vendê-lo. Mas, com a interferência do cônsul brasileiro na Argentina e a habilidade de alguns dirigentes, as dificuldades foram contornadas.

Sastre estreou no São Paulo contra a Portuguesa de Desportos: perdeu de 3 x 1, num jogo medíocre. Mas, jogador incomum, talentoso e de jogadas imprevisíveis, ele logo mostrou que sua maturidade e talento continuavam intactos. Na tarde de 14 de agosto de 1943, num jogo contra a Portuguesa Santista pelo segundo turno do Campeonato Paulista, marcou seis dos nove gols do São Paulo, na goleada de 9 x 0. Estava coroada sua contratação.

El Maestro deu ao São Paulo os títulos de campeão paulista de 1943 e de bicampeão em 1945 e 1946, despedindo-se dos campos brasileiros em 15 de dezembro de 1946, numa partida contra o River Plate, da Argentina, no Pacaembu. A festa foi toda para ele e para seu bonito futebol, que levou o São Paulo a conquistar três títulos em quatro anos.

Sastre, o argentino, jogou no São Paulo de 1943 a 1946. Nesse período, ajudou a conquistar três títulos. Seu jogo era cerebral

Paulo Bravos



Manoel Motta

FORLAN

Ele chegou ao São Paulo com quatro dias de atraso. Desentendeu-se com Gérson logo no primeiro treino e, ao entrar em campo, naquele verão de 1970, não correspondeu à expectativa de dirigentes e torcedores. Como aquele uruguaio alto, magro, de cabelos compridos e jeito desleixado poderia dar certo no Morumbi?

A resposta veio poucas semanas depois, quando Pablo Justo Forlan Lamarque se adaptou ao clube e começou a impor sua forte personalidade aos companheiros.

O lateral-direito Forlan não queria competir com ninguém; só não gostava de ser mandado. E, no campo, queria ver todo mundo dando o sangue, como ele fazia. O Caveira Simpática, como passou a ser chamado pelos companheiros, se transformava durante as partidas. Se o time estivesse perdendo, corria como um louco, xingava, empurrava os companheiros para a vitória. Se estivesse ganhando, procurava manter os parceiros acesos, para garantir a vitória.

A verdade é que Pablo Forlan, durante o tempo que jogou no São Paulo, foi o símbolo da garra. Ajudou a equipe a conquistar o bicampeonato de 1970 e 1971, ao lado de Gérson, Pedro Rocha e outros. Em 1975, voltou para o Uruguai. E retornou ao Brasil em 1984, vindo para o São Paulo treinar as divisões inferiores por algum tempo. Nesse período, sua principal lição aos garotos tricolores era esta: "Meninos, quando se entra em campo é para dar o sangue pela vitória".

Pablo Forlan, o uruguaio, era temperamental e briguento. Mas, em campo, dava o sangue pelo time e não permitia que um companheiro se acomodasse



OS GRANDES ÍDOLOS



FREIDENREICH

Quem o viu jogar sustenta, categórico, que Friedenreich foi melhor ou tão bom quanto Pelé. Na verdade, trata-se de uma comparação difícil, pois o futebol que se jogava na primeira metade do século era muito diferente do praticado no tempo de Pelé. Mas, em números, a FIFA os iguala.

Ou quase: Artur Friedenreich, filho de alemão com mulata brasileira, marcou ao longo de seus 26 anos de carreira nada menos que 1 329 gols.

Friedenreich jogou no Germânia, no Ypiranga, no Americano, no Paulistano e no São Paulo. No tricolor, formou com Nestor; Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Siriri, Araken e Junqueira a equipe que ficou conhecida como "Esquadrão de Aço" e se tornou campeã em 1931.

Inteligente, Friedenreich talvez tenha sido o jogador mais objetivo e um dos mais corajosos de sua época. Parecia conhecer todos os segredos do futebol e sabia quando e como ia marcar um gol.

Foi, sem dúvida, um dos maiores centroavantes que o Brasil já teve. Em 1925, voltou da Europa como um dos "melhores do mundo", depois de vencer, pelo Paulistano, nove dos dez jogos disputados. Em 1929, marcou sete gols numa única partida contra o União Lapa, batendo o recorde da época. El Tigre participou ainda da decisão do Campeonato Brasileiro, em 1931, disputado entre paulistas e cariocas. E encerrou sua carreira no Flamengo, em 1935, aos 43 anos de idade.

Friedenreich, El Tigre,
foi um artilheiro
implacável, o maior gênio
dos anos 20 e 30, e
levou o São Paulo ao
título de 1931



Ronaldó Kotscho

CHICÃO

O garoto Francisco Jesuíno Avanzi trabalhava numa fábrica, em Piracicaba (SP), como aprendiz de torneiro-mecânico. Mas detestava. Gostava mesmo era de jogar futebol. Um dia, o técnico do XV de Novembro chamou-o para um treino com os profissionais; um teste para checar as habilidades do garoto que, uma semana antes, tinha sido campeão pelos juvenis do clube. O moleque jogou bem e acabou assinando seu primeiro contrato.

Mas a chance de se firmar como titular no XV nunca chegava. Chicão foi então emprestado para o União Agrícola Barbarense, de Santa Bárbara d'Oeste (SP), e se tornou o principal jogador da equipe. Veio o São Bento e o contratou. No clube de Sorocaba (SP), ele teve oportunidade de mostrar seu futebol valente, cheio da raça, viril. E a diretoria da Ponte Preta, de Campinas (SP), vendo, comprou seu passe e o levou. Da Macaca para o São Paulo, em 1973, foi um pulo. E, logo, ele se tornou um ídolo para a torcida tricolor.

Em 1974, Chicão Gavião teve o que chamou de "a maior decepção" de sua vida: perdeu a final da Taça Libertadores da América para o Independiente, de Buenos Aires, por 1 x 0. Em 1975, conquistou seu maior título até então: campeão paulista. E, em 1977, na decisão do Campeonato Brasileiro contra o Atlético Mineiro, teve uma atuação histórica, inesquecível. O São Paulo conquistou o título e Chicão, como se explodisse de tanta emoção acumulada desde os tempos da fábrica, chorou nos ombros de Neca feito criança.

Chicão, o volante que dava equilíbrio ao tricolor dos anos 70: não tinha muita classe, mas sua raça contagiava



OS GRANDES ÍDOLOS



J.B. Scalco

Serginho, o *Chulapa*, não primava pela disciplina, mas até hoje os torcedores agradecem os quatro títulos que ajudou a conquistar

SERGINHO

Ele foi um diabo. Ainda é dele o recorde de suspensão no futebol brasileiro — catorze meses, por ter chutado a canela de um bandeirinha, em 1978. Na final do Brasileiro de 1981, ele chutou a cara do goleiro Leão, do Grêmio. Sim, um diabo: com 242 gols, foi o maior artilheiro da história do São Paulo. É Sérgio Bernardino, o Serginho.

Grandão (1,88 m), com o pé 44 lhe valendo o apelido de Chulapa, o canhoto Serginho era um artilheiro nato. Dentro da área ele sabia se movimentar

como poucos e fazia gols de todo jeito: cabeceando, trombando, empurrando, chutando de bico. Uma figura da cidade: tão forte quanto o compromisso de fazer gol era o de desfilar no Carnaval pela Escola de Samba Camisa Verde e Branco.

Serginho ajudou o São Paulo na conquista de quatro títulos, sendo três paulistas (1975, 1980 e 1981) e um Brasileiro (1977). Ele chegou ao clube em 1971, aos 17 anos. Em 1973, esteve emprestado ao Marília, no qual se destacou marcando dez gols no Paulistão daquele ano. Isso lhe valeu o retorno ao

Morumbi no ano seguinte, ainda como ponta-esquerda, sua posição original. Quando, porém, o centroavante Mirandinha quebrou a perna, naquele ano de 1974, Serginho vestiu a camisa 9 e nunca mais a tirou.

Artilheiro dos campeonatos paulistas de 1975, com dezenove gols, e de 1977 com 33, Serginho foi titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Ali, não repetiu suas atuações. "Eles me transformaram num jogador superdisciplinado, num anjo", queixa-se até hoje. No São Paulo, foi demônio até ir embora, em 1983.



Poy, o argentino tranqüilo, foi sinônimo de segurança durante os treze anos e 565 partidas em que defendeu o gol são-paulino

JOSÉ POY

Quando tinha 19 anos, o goleiro argentino Poy jogou uma partida contra o São Paulo, no Pacaembu. Foi em dezembro de 1945 e o jovem goleiro do Rosario Central atuou muito bem naquele empate em 2 x 2. Além da agilidade, da atenção e da seriedade, o que impressionou os dirigentes tricolores foi

a total ausência de vedetismo naquele garotão.

Em 1948, enfim, o São Paulo conseguiu contratá-lo. Poy ficou mais de um ano só treinando — o que demonstra ser uma tradição o fato de jogadores demorarem a se adaptar ao tricolor. Diariamente, ele dava duro nos treinos sabendo que um dia sua chance chegaria. De fato, em 1950 ele se adonou da ca-

misa 1 e por treze anos consecutivos foi titular absoluto.

Disciplinado e humilde, obstinado pela boa forma física, José Poy atuou em 565 partidas pelo São Paulo. Ao deixar de jogar, tornou-se técnico da equipe infanto-juvenil — foi bicampeão da categoria em 1963 e 1964. Nos anos 70, dirigiu o time profissional e ganhou o título paulista de 1975.



OS GRANDES ÍDOLOS



Pedro Rocha, *El Verdugo*, emprestou sua classe ao time nos anos 70, mas era querido pela massa também pela seriedade com que jogava

PEDRO ROCHA

O São Paulo estava de olho nele desde 1969. Mas só em agosto de 1970 o uruguaio Pedro Rocha teve seu passe comprado pelo tricolor, por 150 000 dólares, pagos a vista ao Peñarol. No começo, foi difícil adaptar-se ao esquema tático de Zezé Moreira. Além disso, o time já tinha Gérson, o Canhotinha de Ouro, jogando na posição, e Rocha precisou encaixar-se em outra, demorando um bom tempo até se sentir em casa.

Em março de 1971, no jogo contra o Palmeiras, ele finalmente desencanta e, atuando de centroavante, marca os dois gols que dão a vitória ao São Paulo.

A campanha invicta durante o certame paulista de 1971 dá à equipe uma segurança que não se via no Morumbi há muito. O São Paulo se torna bicampeão e as coisas começam a mudar. Gérson sai, Zezé Moreira é substituído por José Poy e Rocha se torna o dono absoluto da camisa 10. Em 1975, o tricolor se sagra campeão paulista e, nes-

sa altura, El Verdugo já é o jogador mais querido da torcida.

No ano seguinte, 1976, o São Paulo não faz uma boa campanha. Em 1977, Rubens Minelli chega ao Morumbi para substituir Poy, e Rocha acaba sendo emprestado ao Coritiba, pelo qual se sagra campeão. De lá, vai para o Palmeiras.

Pedro Virgílio Rocha Franchetti nasceu em Salto, Uruguai, em 3 de dezembro de 1942 e foi considerado pela FIFA o melhor jogador uruguaio da década de 60.



Sebastião Maranhão

ROBERTO DIAS

O próprio Pelé reconhecia a dificuldade de superar a marcação de Dias, jogador habilidoso e técnico, sem dúvida um dos maiores que o São Paulo já teve. Calmo, compenetrado, Roberto Dias Branco começou a jogar bola nos juvenis do próprio São Paulo, com 16 anos. Aos 17, já era convocado para defender a Seleção Brasileira na Olimpíada de Roma, em 1960.

Dias sempre foi a imagem do jogador seguro, lutador e técnico. Em 1967, foi eleito Atleta do Ano. E, em 1970, conquistou seu primeiro título paulista atuando ao lado de Gérson, Toninho e Édson, entre outros.

Em 1971, foi obrigado a abandonar os campos de futebol, vítima de uma complicação cardíaca. Aparentemente, por causa de uma bolada no pescoço, Dias teve uma das coronárias obstruída. Começou o tratamento e se despediu daquele que foi seu único clube em toda a carreira como profissional de futebol.

Habilidoso e técnico, seguro e lutador, Roberto Dias foi um dos mais admirados ídolos do tricolor. De 1959 a 1971, quando abandonou o futebol, só defendeu um clube — o São Paulo. Uma complicação cardíaca afastou-o dos campos antes da hora. Mas ficou no coração da torcida



A S E L E Ç Ã O D E T O D O S O S T E M P O S

UM TIMAÇO IMBATÍVEL

Para reuni-los, só em sonhos — são os maiores craques que já jogaram no São Paulo. Então vamos sonhar. Modifique o time, se quiser, e depois desafie os rivais para partidas fantásticas

Em sua edição 649, PLACAR publicou a seleção do São Paulo de todos os tempos — o melhor de cada uma das onze posições em todas as épocas. Essa missão foi entregue a trinta são-paulinos notáveis, entre dirigentes, ex-jogadores, torcedores e jornalistas. O time que saiu foi o seguinte: Poy, De Sordi e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Gérson e Canhoteiro.

Pode-se discordar aqui e ali, mas que se trata de um timaço, ainda que de sonhos, não há dúvida. Quem foram esses craques?

José Poy, 16/2/26, nascido em Rosário, Argentina, jogou no São Paulo de 1949 a 1963 — Segurança e seriedade eram seus maiores atributos.

Nilton De Sordi, 14/2/31, Piracicaba (SP), de 1952 a 1965 — Lateral defensivo, não foi um jogador excepcional, mas era de eficiência incomum no desarme. Na Copa de 1958, só não jogou a última partida, contra a Suécia.

Mauro Ramos de Oliveira, 30/8/30, Poços de Caldas (MG), de 1948 a 1960 — Jogava bonito e elegante. Por isso ganhou o apelido de Martha Rocha. Reserva nas Copas de 1954 e 1958, foi titular e capitão em 1962.

Rui Campos, 2/2/22, São Paulo (SP), de 1944 a 1953 — Foi o grande comandante da linha média mais famosa do São Paulo: Rui, Bauer e Noronha.

Alfredo Eduardo Noronha, 25/9/18, Porto Alegre (RS), de 1942 a 1952 — Jogava com a mesma facilidade nas três antigas posições da intermediária (mé-



Bauer: um volante com classe e fineza

dio-esquerdo, médio-direito e centro-médio).

José Carlos Bauer, 21/11/25, São Paulo (SP), de 1946 a 1954 — Ganhou o título de Monstro do Maracanã na Copa de 1950. Foi capitão de 1954.

Gérson de Oliveira Nunes, 11/1/41, Niterói (RJ), de 1969 a 1973 — O Canhotinha de Ouro sempre foi líder nos clubes em que jogou. Grande lançador.

Antonio Sastre, 27/4/11, Lomas de Zamora (Argentina), de 1943 a 1946 — El Maestro foi o cérebro do tricolor nos três anos que encantou o Pacaembu.

Luís Mesquita de Oliveira, Luisinho, 20/3/11, Rio de Janeiro (RJ), de

1935 a 1946 — Um dos mais hábeis e velozes dribladores do futebol brasileiro. Titular nas Copas de 1934 e 1938.

Leônidas da Silva, 6/9/13, Rio de Janeiro (RJ), de 1942 a 1951 — Artilheiro da Copa de 1938, na França, é considerado o maior centroavante do Brasil em todos os tempos.

José Ribamar de Oliveira, Canhoteiro, 24/9/32, Coroatá (MA), de 1954 a 1963 — Maior driblador brasileiro depois de Garrincha, também chutava e cabeceava muito bem. Morreu pobre, em São Paulo, em 16/8/1974.

Computados os votos, o melhor São



De Sordi: marcador insuperável

Paulo de todos os tempos não apresenta nenhum dos grandes jogadores da década de 80.

Assim é que Poy — mesmo sem ter sido grande ídolo, mesmo sem ter participado de três Copas, como Waldir Peres — foi escolhido para o gol. E Waldir não foi o único derrotado: goleiros brilhantes, como Gijo e King, curvaram-se às excelências desse argentino de Rosário. Compenetrado, disciplinado, humilde, Poy jogou 565 partidas pelo São Paulo e desenvolveu uma visão de jogo estupenda.

Na lateral-direita, De Sordi foi uma espécie de Poy: nunca tão brilhante quanto o velho Piolim (o segundo mais votado), mas eficiente a ponto de ser levado à Seleção na Copa de 1958. A seu lado, Mauro Ramos de Oliveira, de estilo refinado, limpo e competente, foi o preferido dos eleitores, vencendo Belini e Oscar.

Mas é na linha média, com Rui de quarto-zagueiro, Noronha na lateral-esquerda e Bauer de centromédio, que reside a força maior do super-São Paulo. Rui, orientador, cérebro, um jogador extremamente técnico; Noronha, símbolo da vitalidade, marcador implacável e incansável; e Bauer, o gigante que sobreviveu à tragédia da Copa de 1950 — eles formavam o trio inseparável, recitado como verso de um sucesso popular da velha guarda. Rui, Bauer e Noronha foram os responsáveis diretos pelos dois bicampeonatos do São Paulo daquela época — 1945 e 1946 e 1948 e 1949. Ninguém jamais se esquecerá deles.

No meio-campo, quem poderia ganhar do magnífico Zizinho, o Mestre Ziza? Ou de Waldemar de Brito? Ou ainda de Pedro Rocha, considerado um dos melhores jogadores do mundo em sua posição ao tempo em que brilhava nos gramados? Os são-paulinos apontaram um nome: o do argentino Antonio Sastre, El Maestro, que chegou ao tricolor já com 32 anos e, em apenas três temporadas, fabricou a própria lenda. Sastre deixou o Brasil em 1946 para voltar a sua terra e o fez coberto de glórias e da gratidão dos são-paulinos.

O grande Gérson, com sua canhota



Gérson: um meia-armador genial

infernal e perfeita visão de jogo, um dos maiores armadores da história do futebol brasileiro, chegou ao Morumbi também já maduro, com 28 anos. Mas trouxe uma grande glória: acabou com o jejum de treze anos ao levar o São Paulo ao título de 1970. Aliás, ao bi, pois ajudou a faturar também o do ano seguinte.

O melhor ataque são-paulino — Luisinho, Leônidas e Canhoteiro — faria inveja a qualquer seleção. Luisinho, pela direita, driblador incontível, era famoso por seus cruzamentos na medida, chamados de “meio gol”. Canhoteiro, na esquerda, que com vinte votos bateu especialistas como Teixeira, Pardal e Zé Sérgio, foi o mais imprevisível de todos os jogadores de sua posição. Não havia zagueiro capaz de marcá-lo. E,

nisso, só um atacante em todo o Brasil o vencia: Garrincha.

O grande gênio dessa superseleção, no entanto, foi mesmo Leônidas da Silva, o Diamante Negro, inigualável em sua posição em toda a história do futebol do país. Sua estréia no São Paulo deu-se na tarde de 24 de maio de 1942, quando 71 218 pessoas lotaram o Pacaembu (recorde de público que durou três décadas) para ver o tricolor empatar com o Corinthians em 3 x 3. Escolhido também para figurar no Flamengo de todos os tempos, foi titular da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1934, na Itália, e 1938, na França, da qual foi artilheiro. Até hoje há quem exagere ao considerá-lo superior a Pelé, o maior jogador da história do futebol mundial.

**Editora Abril**Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA**Diretor Superintendente:**

Roberto Civita

Diretores: Angelo Rossi,

Edgard de Silveira Faria, Ike Zarmati,

José Augusto Pinto Moreira,

Plácido Loriggio, Raymond Cohen,

Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Assuntos Corporativos

Guilherme Velloso

DIVISÃO REVISTAS**Diretor:** Thomaz Souto Corrêa**Diretores de Área**

Antonio Sabino de Souza,

Carlos Roberto Berlinck,

José Roberto Guzzo,

Oswaldo de Almeida Filho

Diretores de Apoio e Staff

Antônio Carlos Ribeiro da Silva,

Eduardo Frezza, Julio Cosi,

Miguel Sanches,

Ricardo Vieira de Moraes,

Sebastião Martins, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfourri**REDAÇÃO****Chefes de Redação:** Alfredo Ogawa e Álvaro Almeida**Editor:** Mário Sérgio Venditti**Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres**Repórteres:** Edson Rossi, Katia Perin, Manoel Coelho, Mau-

rício Rodrigues, Ubiratan Brasil

Fotógrafos: Néelson Coelho, Orlando Kissner, Silvio Porto**Editor de Arte:** Walter Mazzuchelli**Chefe de Arte:** Alberto S.L. Magalhães**Diagramadores:** André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de

Lima, José da Luz Tenório, José Dionísio Filho, Rosalina Sa-

saki, Sérgio Prado Martins

Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, Renê San-

tos Filho

Preparação de Texto: José Gustavo Vasconcelos**Produção:** Sebastião Silva**SUCURSALS****Rio de Janeiro - Chefe:** Carlos Orletti**Repórteres Rio:** Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues, MarthaEsteves; **Fotógrafos:** Ari Gomes, Marco Antonio Cavalcanti;**Produção:** Nilton Claudino da Silva; **Belo Horizonte - Repórter:**Manuel Muniz; **Fotógrafo:** Nélio Rodrigues; **Curitiba - Repór-****ter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Ale-****gre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Sal-****vador - Repórter:** Luiz Brito**Serviços Editoriais - Abril Press - Gerente:** Judith Baroni**Escritórios:** Dorrit Harazim (Nova York); Fernando Pacheco

Jordão (Paris)

Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo**Serviços Fotográficos - Diretor:** Pedro Martinelli**COMERCIAL****Gerente de Publicidade:** Celso Marche**Gerente de Circulação:** Marlene Conti Canto**Assistente Comercial:** Rafael Vieira Filho**Coordenadora:** Tieko Kuniyuki**Supervisor:** Ricardo O. Lima (RJ)**Contatos:** Antonio Carlos de Campos, Alda Nogueira, Ricar-

do Brambilla (SP)

Diretor de Escritórios Regionais

Dreyfus Soares

Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizon-

te); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Paulo Cesar D. Zambotti

(Campinas); Angelo A. Costi (Curitiba); Geraldo Nilson de

Azevedo (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); El-

cênio Engel (Porto Alegre); Ana Maria de Oliveira (Recife);

Elisabeth Silveira (Salvador)

Representante: Intermídia (Ribeirão Preto)**Diretora de Promoção e Pesquisa de Mídia**

Haydée Gomes Guersoni

Diretor Responsável: Juca Kfourri**Diretor de Propaganda:** Ivo Carlos De Maria**Diretor do Escritório Brasília:** Luiz Edgar P. Tostes**Placar** é uma publicação da Editora Abril S.A. Ninguém está

credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por

alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números****atrasados:** ao preço da última edição em banca, por

intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas

Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada

Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP.

Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos

os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no

país pela DINAP - Distribuidora Nacional de

Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: (011) 823-9222

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

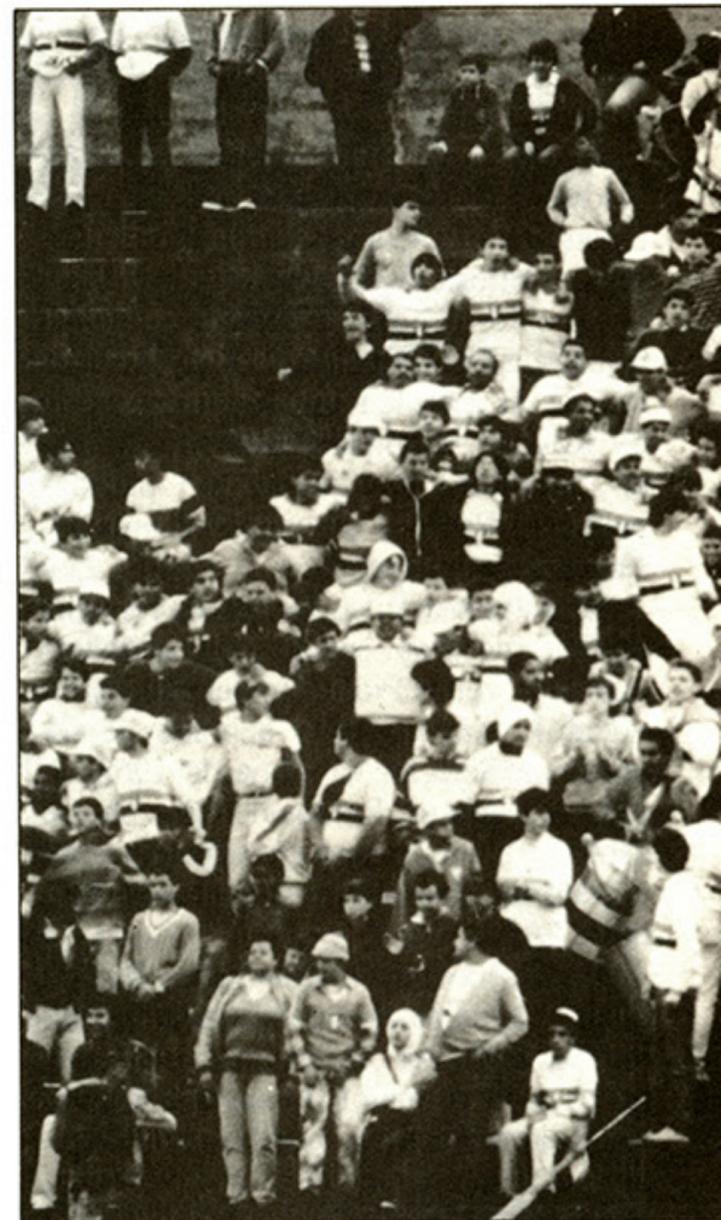


HINO, ESCUDO, UNIFORME

HINO

Um dos fundadores e dos mais fanáticos torcedores do São Paulo, o general e farmacêutico Porfírio da Paz, fez a música e a letra do hino oficial do clube num dia que, por falta de pagamento, o então tenente da Força Pública perdera sua casa. "Fiquei desolado, andei de um lado para o outro sem saber o que fazer. Nervoso, comecei a cantarolar *Salve o Tricolor Paulista* para tentar aliviar a tensão. Percebi que a frase poderia ser um bom início do hino do São Paulo e compus o resto ali mesmo", lembraria Porfírio mais tarde.

*Salve o tricolor paulista,
Amado clube brasileiro,
Tu és forte, tu és grande,
Dentre os grandes, és o primeiro.
Oh Tricolor,
Clube bem-amado,
As tuas glórias
Vêm do passado.
São teus guias brasileiros
Que te amam eternamente.
De São Paulo tens o nome
Que ostentas dignamente.
Oh Tricolor,
Clube bem-amado,
As tuas glórias
Vêm do passado.
Trazes glórias luminosas
Do paulistão imortal,
Da floresta também trazes
Um brilho tradicional.
Oh Tricolor,
Clube bem-amado,
As tuas glórias
Vêm do passado.
São Paulo, clube querido,
Tu tens o nosso amor,
Teu nome e tuas glórias
Têm honra e esplendor,
Oh Tricolor...*



ESCUDO/UNIFORME

Da fundação até hoje, o São Paulo sempre teve as mesmas cores, a mesma bandeira, o mesmo uniforme e o mesmo distintivo, desenhados na própria reunião da fundação do clube por Walter Oliver.

A bandeira oficial do São Paulo é branca com o distintivo do clube no meio, sobre duas faixas horizontais, uma vermelha, em cima, e uma preta, embaixo. O tricolor tem dois uniformes. O primeiro, camisa branca com duas faixas — uma vermelha e outra preta — horizontais no meio, o distintivo no centro; calções brancos com três listras verticais nas laterais (vermelha, preta e vermelha); meias brancas com duas listras junto ao joelho. No outro, a camisa é vermelha, preta e branca, em listras verticais. O símbolo do São Paulo é a figura do simpático santo, ostentando vasta barba branca.



EDITORA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400,
Tel.: (011) 877-1322, CEP 02909, Caixa Postal 2372

PLACAR



Edu Garcia

SÃO PAULO

Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, FAX: (011) 522-1504, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085

Brasília: SCS - Quadra 1, n.º 30, Edifício Central, 9.º, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 131, CEP 13013, tel.: (0192) 32-1700

Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 5 e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º andar, sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 004

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 95-1293

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 902, 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 224-0977, Telex (081) 1184

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: r. Itabuna, 304, Pq. Cruz Aguiar, Rio Vermelho, CEP 41910, tel.: (071) 247-3999, Telex (071) 1180

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

REVISTAS PUBLICADAS PELA EDITORA ABRIL

Interesse Geral

VEJA • GUIA RURAL
GUIA DO ESTUDANTE • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios

EXAME

Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes

PLACAR • GRID

Masculinas

PLAYBOY

Femininas

CLAUDIA • CLAUDIA MODA
ELLE • NOVA

MANEQUIM • MONTRICOT
CAPRICHIO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Infanto-Juvenis

O PATO DONALD, MICKEY, ZÉ CARIOCA,
TIO PATINHAS, MARGARIDA,
DISNEY JUNIORS, URTIGÃO,
ALEGRIA & COMPANHIA,
ALEGRIA EM QUADRINHOS, FOFÃO,
PATRÍCIA, O GORDO & CIA,
A TURMA DA FOFURA,
HE MAN, THUNDERCATS,
HOMEM ARANHA, CONAN,
BOLINHA, LULUZINHA,
MISTO QUENTE, SELEÇÃO DE CROMOS





HINO, ESCUDO E UNIFORME



Uniforme n.º 1



Uniforme n.º 2



Símbolo

TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

DIGITALIZAÇÃO
GIANCARLO ZAPELLONI

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ